



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
CURSO DE BACHARELADO EM MEDICINA VETERINÁRIA

MARIANA DIAS DA SILVA

**DERMATOPATIAS FÚNGICAS EM CÃES E GATOS: ESTUDO RETROSPECTIVO
NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UFPB (AREIA/PB), 2020-2024**

AREIA

2025

MARIANA DIAS DA SILVA

**DERMATOPATIAS FÚNGICAS EM CÃES E GATOS: ESTUDO RETROSPECTIVO
NO HOSPITAL VETERINÁRIO DA UFPB (AREIA/PB), 2020-2024**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharelado em Medicina Veterinária pela
Universidade Federal da Paraíba.

Orientador: Prof.(a) Dr. Inácio José
Clementino

AREIA

2025

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586d Silva, Mariana Dias da.

Dermatopatias fúngicas em cães e gatos: estudo retrospectivo no Hospital Veterinário da UFPB (Areia/PB), 2020-2024 / Mariana Dias da Silva. - Areia:UFPB/CCA, 2025.
45 f. : il.

Orientação: Inácio José Clementino.
TCC (Graduação) - UFPB/CCA.

1. Medicina Veterinária. 2. Epidemiologia. 3. Dermatologia. 4. Zoonoses. I. Clementino, Inácio José. II. Título.

UFPB/CCA-AREIA

CDU 636.09(02)



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS AGRÁRIAS
COORDENAÇÃO DO CURSO DE MEDICINA VETERINÁRIA

DEFESA DO TRABALHO DE GRADUAÇÃO

Aprovada em 03/10/2025.

“Dermatopatias Fúngicas em Cães e Gatos: Estudo Retrospectivo no Hospital Veterinário da UFPB (Areia/PB), 2020-2024”

Autor: Mariana Dias da Silva

Banca Examinadora:

 Documento assinado digitalmente
INACIO JOSE CLEMENTINO
Data: 06/10/2025 10:09:18-03:00
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Prof. Dr. Inácio José Clementino
Orientador (a) – UFPB

 Documento assinado digitalmente
JOAO LUCAS TENORIO DE SOUZA
Data: 03/10/2025 11:06:29-03:00
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Bel. Med. Vet. João Lucas Tenório de Souza
Examinador (a) – UFPB

 Documento assinado digitalmente
WILLIAN MATHAUS DA SILVA SOARES
Data: 05/10/2025 12:00:28-03:00
Verifique em <https://validar.it.gov.br>

Bel. Méd. Vet. Willian Mathaus da Silva Soares
Examinador (a) – UFPB

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me sustentado em todas as etapas deste percurso, desde o ingresso na universidade até a conclusão deste trabalho. Sempre estive ao meu lado nos melhores e nos piores momentos, concedendo-me forças para continuar.

Aos meus pais, Maria Ediane da Silva e Joselito Dias da Silva, que sempre me deram apoio emocional ou financeiramente durante minha vida acadêmica, eu sempre soube que podia contar com vocês em todas as circunstâncias.

À minha irmã, Maria Camila, que, mesmo à distância, sempre se fez presente e torceu pelo meu sucesso.

Ao meu melhor amigo, Ítalo Oliveira, pela amizade, incentivo e apoio constantes, desde quando este projeto de vida ainda era apenas um sonho.

Ao meu amor, Eduarda Galvão, pelo amor, paciência e apoio nos momentos mais difíceis.

À médica veterinária Amanda Ângelo pelo apoio acadêmico, teórico e prático.

Ao meu orientador, Professor Inácio Clementino, pela orientação e contribuição essencial durante o desenvolvimento deste trabalho.

Aos residentes, médicos veterinários e funcionários do HV-UFPB, em especial, Débora Maria e João Lucas Tenório, que me auxiliaram desde os primeiros períodos da graduação e continuam me ensinando na residência. Estendo também meus agradecimentos a Eliza, Diogo e Helena, pela paciência e dedicação durante meu estágio final, e a Willian Mathaus, por aceitar participar deste momento tão importante para mim.

Aos amigos que Areia me presenteou, em especial Paola Acioli, Rayanne Sá, Patrícia Rodrigues, Fernanda Aires, Witoria Macário e Stephany Soares, pela amizade sincera, pelos risos e pelas alegrias compartilhadas nos dias mais desafiadores da faculdade. Desejo-lhes um ótimo futuro na vida profissional.

Aos meus familiares, pelo apoio e torcida ao longo da graduação: minha avó Maria Isabel, minha tia Maria Regina, meus primos e primas, e tantos outros que, de diferentes formas, estiveram presentes nessa jornada. Em especial, ao meu tio, João Batista (*in memoriam*), que sempre demonstrou interesse pelo meu curso, me fazia rir e me incentivava com palavras. Infelizmente, não estará presente no dia mais importante da graduação, mas levarei comigo, para sempre, sua lembrança, carinho e apoio.

RESUMO

A pele é o maior órgão do corpo, atuando na proteção contra agressões químicas, físicas e microbiológicas, mas sua constante exposição a fatores externos a torna suscetível a dermatopatias, que representam de 20 a 75% dos atendimentos em pequenos animais. Entre os agentes etiológicos, destacam-se os fungos, incluindo *Microsporum* spp., *Trichophyton* spp., *Malassezia* spp., *Cryptococcus neoformans* e *Sporothrix schenckii*, capazes de provocar diversas manifestações clínicas. O diagnóstico envolve a associação de sinais clínicos, histórico do animal e exames laboratoriais, como citologia, cultura fúngica e, em alguns casos, lâmpada de Wood. O presente estudo teve como objetivo realizar um levantamento retrospectivo dos casos de dermatopatias fúngicas em cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba – Campus II, entre 2020 e 2024. Trata-se de um estudo descritivo, quantitativo e retrospectivo, em que foram analisados 1.325 prontuários clínicos, com dados sobre procedência, sexo, idade, raça, modo de criação, status reprodutivo, sinais clínicos, queixa principal e agente fúngico isolado. Os dados foram organizados em planilhas eletrônicas e analisados por estatística descritiva, considerando frequências absolutas e relativas, e casos com múltiplas dermatopatias foram contabilizados separadamente. O ano de 2023 apresentou o maior número de casos suspeitos, enquanto a maior taxa de positividade foi registrada em 2022. Já os anos de 2020 e 2021 apresentaram as menores taxas de ocorrência, possivelmente em decorrência do impacto da pandemia de COVID-19 sobre o acesso aos serviços do HV/UFPB. Nos cães, a otite fúngica por *Malassezia* spp. foi a dermatopatia mais frequente, seguida da malasseziase cutânea, enquanto nos gatos, a esporotricose e a otite fúngica predominaram. Animais jovens-adultos (1 a 5 anos) e sem raça definida foram os mais acometidos, sendo o Poodle e o Siamês as raças mais prevalentes em cães e gatos, respectivamente. Cães corresponderam a 77% dos diagnósticos, e coinfeções foram observadas em alguns casos. A distribuição geográfica mostrou concentração de casos em Areia/PB, seguida de municípios próximos e da capital, indicando influência do acesso aos serviços especializados do HV/UFPB. Apenas a esporotricose e a criptococose apresentaram diferenças significativas entre os sexos, acometendo mais machos e fêmeas, respectivamente. Esses resultados fornecem informações importantes sobre padrões epidemiológicos, fatores predisponentes e regiões de maior risco, contribuindo para o diagnóstico precoce, manejo clínico adequado e estratégias de prevenção de dermatopatias fúngicas em pequenos animais. O levantamento retrospectivo reforça a relevância da vigilância epidemiológica de micoses em clínicas veterinárias, especialmente em regiões tropicais, devido ao potencial zoonótico e ao impacto sobre a saúde pública.

Palavras-Chave: epidemiologia; dermatologia; zoonoses.

ABSTRACT

The skin is the largest organ of the body, providing protection against chemical, physical, and microbiological insults; however, its constant exposure to external factors makes it susceptible to dermatopathies, which account for 20 to 75% of veterinary visits in small animals. Among the etiological agents, fungi stand out, including *Microsporum* spp., *Trichophyton* spp., *Malassezia* spp., *Cryptococcus neoformans*, and *Sporothrix schenckii*, capable of causing a variety of clinical manifestations. Diagnosis involves the combination of clinical signs, patient history, and laboratory tests such as cytology, fungal culture, and, in some cases, the Wood's lamp. The present study aimed to conduct a retrospective survey of fungal dermatopathies in dogs and cats attended at the Veterinary Hospital of the Federal University of Paraíba – Campus II, between 2020 and 2024. This was a descriptive, quantitative, and retrospective study, analyzing 1,325 clinical records, which included data on origin, sex, age, breed, housing system, reproductive status, clinical signs, main complaint, and isolated fungal agent. The data were organized in electronic spreadsheets and analyzed using descriptive statistics, considering absolute and relative frequencies, and cases with multiple dermatopathies were counted separately. The year 2023 showed the highest number of suspected cases, while the highest positivity rate was recorded in 2022. In contrast, 2020 and 2021 presented the lowest incidence rates, possibly due to the impact of the COVID-19 pandemic on access to HV/UFPB services. In dogs, fungal otitis caused by *Malassezia* spp. was the most frequent dermatopathy, followed by cutaneous malasseziosis, whereas in cats, sporotrichosis and fungal otitis predominated. Young adult animals (1–5 years) and mixed-breed individuals were the most affected, with Poodles and Siamese cats being the most prevalent breeds in dogs and cats, respectively. Dogs accounted for 77% of diagnoses, and co-infections were observed in some cases. Geographical distribution showed a concentration of cases in Areia/PB, followed by neighboring municipalities and the capital, indicating the influence of access to specialized HV/UFPB services. Only sporotrichosis and cryptococcosis showed significant sex differences, affecting males and females, respectively. These results provide important information on epidemiological patterns, predisposing factors, and high-risk regions, contributing to early diagnosis, appropriate clinical management, and preventive strategies for fungal dermatopathies in small animals. The retrospective survey reinforces the importance of epidemiological surveillance of mycoses in veterinary clinics, especially in tropical regions, due to their zoonotic potential and public health impact.

Keywords: epidemiology; dermatology; zoonoses.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 - Principais espécies de <i>Malassezia</i> spp. causadoras de lesões em animais.	15
Figura 1 - Distribuição geográfica dos casos positivos de dermatopatias fúngicas nos estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte.	24

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Número de animais com suspeita de dermatopatias fúngicas e respectivos resultados diagnósticos (n.º e %) entre 2020 e 2024, no HV/UFPB	21
Tabela 2 -	Principais dermatopatias fúngicas diagnosticadas em cães e gatos entre 2020 e 2024, no HV/UFPB.....	22
Tabela 3 -	Distribuição dos 32 animais positivos para dermatofitoses no período de 2020 a 2024, segundo espécie, sexo, raças, idade, modo de criação e status reprodutivo no HV/UFPB	27
Tabela 4 -	Distribuição dos 80 animais positivos para esporotricose no período de 2020 a 2024, segundo raça, sexo, modo de criação, status reprodutivo e idade, no HV/UFPB	29
Tabela 5 -	Distribuição dos 85 animais positivos para malasseziose no período de 2020 a 2024, segundo raça, sexo, raça, modo de criação, status reprodutivo e idade, no HV/UFPB	31
Tabela 6 -	Distribuição dos 453 animais positivos para otite fúngica por <i>Malassezia</i> sp. no período de 2020 a 2024, segundo sexo, raça, modo de criação, status reprodutivo e idade, no HV/UFPB.....	34

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCA	Centro de Ciências Agrárias
HV	Hospital Veterinário
LCR	Líquido cefalorraquidiano
PCR	Reação em cadeia da polimerase
SRD	Sem raça definida
UFPB	Universidade Federal da Paraíba

LISTA DE SÍMBOLOS

- % Porcentagem
- © Copyright
- ® Marca Registrada

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
2	REVISÃO DE LITERATURA.....	12
2.1	DERMATOPATIAS FÚNGICAS.....	12
2.1.1	Dermatofitose.....	13
2.1.2	Malasseziose	14
2.1.3.	Criptococose.....	15
2.1.4.	Esporotricose.....	17
2.1.5.	Fungos Oportunistas.....	18
2.1.6.	Dimórficos Sistêmicos.....	19
3	METODOLOGIA.....	20
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	20
5	CONCLUSÃO.....	35
	REFERÊNCIAS	37

1 INTRODUÇÃO

A pele é o maior órgão do corpo e exerce várias funções essenciais, dentre elas, a de proteção contra lesões químicas, físicas e microbiológicas. Entretanto, por ser o órgão mais exposto do organismo, está predisposta a sofrer agressões de natureza multifatorial (Feitosa, 2014; Uberoi *et al.*, 2021). Essa vulnerabilidade se reflete na elevada casuística de dermatopatias observada na rotina clínica veterinária, que representam de 20 a 75% dos casos na clínica de pequenos animais (Conceição, 2016).

O termo dermatopatia se refere a qualquer doença ou alteração que afeta diretamente a pele, podendo ser causada por diferentes agentes, incluindo os fúngicos (Wilkinson; Harvey, 1997). A porta de entrada do fungo depende da espécie envolvida, sendo que a pele e o pelo do animal podem ser contaminados durante atividades cotidianas, facilitando infecções oportunistas. Estima-se que existem mais de 300 espécies de fungos potencialmente patogênicos para os animais (Scott; Miller; Griffin., 2001), resultando em uma ampla variedade de apresentações clínicas.

Um estudo realizado no Hospital Veterinário da Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP) identificou a dermatofitose como a principal afecção fúngica em cães, representando 29 dos 38 animais positivos, o que corresponde a aproximadamente 76,3% dos casos (Cardoso *et al.*, 2011). Outras dermatopatias fúngicas de relevância na rotina da clínica veterinária incluem criptococose, malasseziose e esporotricose, causadas pelo *Cryptococcus neoformans*, *Malassezia* spp. e *Sporothrix* spp., respectivamente (Dworecka-Kaszak; Biegańska; Dabrowska, 2020; Outerbridge, 2006; Thompson; MacNeill, 2017).

De forma semelhante, um levantamento realizado no Hospital Veterinário Universitário do Ceará evidenciou que 22,3% (543/2.341) dos casos analisados correspondiam dermatopatias fúngicas, com identificação de *Microsporum* spp., *Trichophyton* spp., *Malassezia* spp., *Candida* spp., fungos dimórficos do gênero *Histoplasma* spp. e, por fim, fungos do gênero *Cryptococcus* spp. (Cruz *et al.*, 2020).

O diagnóstico preciso das dermatopatias fúngicas é fundamental para o estabelecimento da conduta terapêutica adequada. Este processo inclui a associação da anamnese, sinais clínicos, exame físico e exames laboratoriais, como histopatologia, citologia cutânea e cultura fúngica (Thompson; MacNeill, 2017; Wilkinson; Harvey, 1997). No caso da malasseziose, a citologia auricular e cutânea é frequentemente empregada, a depender da apresentação clínica. Na forma cutânea, o diagnóstico definitivo é a cultura fúngica. O exame da Lâmpada de Wood pode ser útil como método de triagem para dermatofitoses causadas por *Microsporum canis*, embora

possa apresentar falsos positivos em animais expostos recentemente a substâncias como álcool, éter e xampus que contêm derivados de iodo e mercúrio (Gomes *et al.*, 2012; Hnilica, 2012).

Diante da elevada frequência de dermatopatias fúngicas na clínica de pequenos animais e de sua relevância para a saúde pública, por se tratarem de doenças muitas vezes zoonóticas, justifica-se a importância da realização deste estudo. Além disso, o levantamento retrospectivo desses casos pode fornecer subsídios importantes para a adoção de estratégias de diagnóstico, controle e prevenção mais eficazes, especialmente em regiões tropicais, onde tais infecções tendem a ser mais prevalentes. Assim, este estudo teve como objetivo realizar um levantamento retrospectivo dos casos de dermatopatias fúngicas diagnosticadas em cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba – Campus II de Areia–PB, entre os anos de 2020 a 2024.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 DERMATOPATIAS FÚNGICAS

Os fungos são organismos eucarióticos, podendo apresentar forma unicelular ou filamentosa. Destacam-se como agentes fundamentais na biodegradação, atuando principalmente nos solos e em diversos ecossistemas. Além disso, contribuem para a sobrevivência de outros seres vivos, seja por meio da síntese de ácidos, enzimas e fármacos, ou pela aplicação no controle biológico de pragas (Esposito; Azevedo, 2010; Madigan; Martinko; Parker, 2004). Apesar desses aspectos benéficos, algumas espécies podem atuar como patógenos em animais e humanos, ocasionando micoses, hipersensibilidades, micotoxicoses e micetismos (Sidrim; Rocha, 2004).

As dermatopatias fúngicas são classificadas, segundo a profundidade da infecção, em superficiais, subcutâneas (ou intermediárias) e sistêmicas. As manifestações superficiais incluem doenças como dermatofitose, malasseziose e candidíase. As micoses subcutâneas ou intermediárias abrangem esporotricose, micetoma eumicótico, feo-hifomicose e prototecose. Enquanto a criptococose é considerada uma micose sistêmica (Wilkinson; Harvey, 1997). As manifestações clínicas ocorrem conforme a espécie do patógeno envolvido, assim como fatores relacionados ao hospedeiro como espécie, idade e a imunidade do animal (Feitosa, 2014).

2.1.1 Dermatofitose

A dermatofitose pode ser causada por mais de 30 espécies de fungos, classificados entre os gêneros *Microsporum*, *Trichophyton* e *Epidermophyton* (Botelho, 2021). São fungos septados, filamentosos e hialinos, com tropismo por células queratinizadas do estrato córneo da pele, pelos, unhas e couro cabeludo. Apresentam maior prevalência em regiões tropicais e subtropicais, sendo cosmopolitas e sua distribuição varia conforme a espécie (Quinn *et al.*, 2018; Sidrim; Rocha, 2004).

Trata-se de uma zoonose que pode ser classificada como antroponose ou zooantroponose, dependendo da direção da transmissão. Os microrganismos infectam o ambiente por meio de artrósporos, também chamados de artroconídeos, liberados pela fragmentação de hifas em estruturas queratinizadas (Quinn *et al.*, 2018; Outerbridge., 2006).

Os dermatófitos são classificados em três grupos epidemiológicos: zoofílicos (ex: *Microsporum canis*), antropofílicos (ex: *Trichophyton rubrum*) e geofílicos (ex: *Microsporum gypsum*). As espécies mais isoladas em animais domésticos são *Microsporum canis*, *Trichophyton mentagrophytes*, *Trichophyton equinum*, *Trichophyton verrucosum* e *Microsporum gypsum* (Appelt, 2010; Bond, 2010; Botelho, 2021; Gomes *et al.*, 2012; Sidrim; Rocha, 2004);

Animais jovens, idosos e imunocomprometidos são mais predispostos à infecção, devido à dificuldade de combater a proliferação desses microrganismos. Entre os cães, as raças Yorkshire Terrier, Jack Russell Terrier, Poodle e Pastor Alemão são as mais susceptíveis, enquanto entre os gatos destacam-se os Persas e Himalaios. Essa predisposição está associada a fatores genéticos que resultam em uma resposta imune limitada, além de características como pelagem longa, que dificulta a higienização e favorece a proliferação, proporcionando condições ideais de temperatura e umidade para o desenvolvimento dos microrganismos. (Alves *et al.*, 2025; Balda *et al.*, 2004; Bond, 2010; Macedo; Silva; Camargo Junior, 2021; Moriello, 2004). A transmissão ocorre por contato com fômites, outros animais e ambientes contaminados (Quinn *et al.*, 2018).

As lesões acometem geralmente a face, patas, orelhas e cauda, caracterizando-se por alopecia circular, eritema, pápulas, pústulas, hiperpigmentação, crostas e distribuição simétrica (Balda *et al.*, 2004; Outerbridge, 2006). Contudo, as manifestações clínicas variam conforme a espécie de dermatófito, o tipo de animal afetado, a região acometida e o estado imunológico do hospedeiro (Bond, 2010; Noli; Colombo, 2020; Sidrim; Rocha, 2004).

O diagnóstico não deve basear-se apenas nos sinais clínicos, recomendando-se utilizar exames complementares como microscopia dos pelos infectados, cultura fúngica, reação em cadeia da polimerase (PCR) e, em alguns casos, biópsia (Hnilica, 2012; Leal *et al.*, 2019). No caso de *Microsporum canis*, a fluorescência dos pelos e escamas pela lâmpada de Wood pode ser utilizada como método de triagem, uma vez que 30 a 60% das cepas de *M. canis* apresentam fluorescência no exame. Entretanto, outras espécies de dermatófitos não emitem a fluorescência esverdeada característica, o que limita a aplicação do método (Moriello *et al.*, 2017). Além disso, a utilização prévia de produtos à base de álcool, éter, iodo, mercúrio, bem como de medicamentos tópicos, xampus e outras substâncias, pode gerar resultados falso-positivos (Alves *et al.*, 2025; Bond, 2010; Moskaluk; VandeWoude, 2022).

Já a microscopia dos pelos infectados ou tricograma consiste na coleta de amostras por pinçamento ou raspagem dos pelos das lesões identificadas, sendo observados esporos e hifas de artrósporos fúngicos. O exame classifica as espécies de dermatófitos em ectotrix ou endotrix, sendo ectotrix quando as hifas e os conídios apenas degradam a cutícula, enquanto endotrix se refere a fungos que invadem a haste capilar, indicando colonização ativa dos fungos. É um exame que requer habilidade do profissional e pode haver falsos positivos por contaminação ambiental, além de não conseguir determinar espécies específicas (Bond, 2010; Moriello *et al.*, 2017; Moskaluk; VandeWoude, 2022).

2.1.2 Malasseziose

A malasseziose é causada por leveduras do gênero *Malassezia*, composto por treze espécies lipofílicas, sendo a *M. pachydermatis* a única não lipodependente e a mais frequentemente isolada em cães e gatos, associada à otite externa e dermatite seborreica (Kindo *et al.*, 2004; Gomes *et al.*, 2012). O gênero *Malassezia* integra a microbiota cutânea de humanos e diversos animais, participando do equilíbrio imunológico, contudo, alterações no microambiente cutâneo ou falhas imunológicas favorecem sua proliferação, tornando-o patógeno oportunista (Bond; Guillot; Cabañes, 2010; Guillot; Bond, 2020; Gomes *et al.*, 2012). No quadro 1 são apresentadas as principais espécies de *Malassezia* causadoras de lesões em animais.

A malasseziose está associada a quadros inflamatórios na pele de animais imunossuprimidos ou de animais com histórico recorrente de problemas dermatológicos (Outerbridge, 2006). Animais portadores de atopia, endocrinopatias ou defeitos anatômicos cutâneos apresentam maior suscetibilidade à doença. Entre as raças mais predispostas estão

Cocker Spaniels, West Highland White Terriers, Basset Hounds e Poodles (Bond; Guillot; Cabañes, 2010; Bond, 2010; Hnilica, 2012).

Quadro 1 - Principais espécies de *Malassezia* spp. causadoras de lesões em animais.

Espécies	Hospedeiros Naturais
<i>M. pachydermatis</i>	Cães, gatos, canídeos, outros animais. Às vezes, humanos.
<i>M. furfur</i>	Humanos, às vezes alguns animais.
<i>M. sympodis</i>	Humanos e gatos
<i>M. globosa</i>	Humanos e gatos
<i>M. slooffiae</i>	Porcos e gatos
<i>M. nana</i>	Gatos e cavalos
<i>M. caprae</i>	Cabras
<i>M. equina</i>	Cavalos
<i>M. brasiliensis</i>	Papagaios
<i>M. psittaci</i>	Papagaios
<i>M. vespertionis</i>	Morcegos

Fonte: adaptada de Guillot e Bond (2020).

Os sinais clínicos podem ser generalizados ou localizados, acometendo principalmente o conduto auditivo, os espaços interdigitais, as regiões ventrais e pélvicas. As lesões são caracterizadas por eritema e, em casos crônicos, descamação, alopecia, hiperpigmentação, odor rançoso e liquefação da pele (Outerbridge, 2006; Wilkinson; Harvey, 1997). No caso de otites, pode-se observar a presença de cerúmen amarronzado a enegrecido, associado a odor intenso. Em casos graves, podem ocorrer erosões, lesões ulceradas e estenose parcial ou total do conduto auditivo (Bond, 2010; Gomes *et al.*, 2012).

O diagnóstico é baseado no histórico, sinais clínicos, citologia (fita adesiva, swab ou imprint), biópsia, cultura fúngica e PCR, ou resposta clínica à terapia antifúngica (Bond; Guillot; Cabañes, 2010; Cafarchia *et al.*, 2011; ESCCAP, 2019; Hobi *et al.*, 2024; Velegraki *et al.*, 2015). No caso de otites, inclui-se ainda a citologia auricular, cultura e exame otoscópio (Murphy, 2001; Teixeira *et al.*, 2019).

2.1.3. Criptococose

A criptococose é uma micose sistêmica, subaguda a crônica, causada por leveduras encapsuladas do gênero *Cryptococcus*, que compreende dois agentes: *C. neoformans* e *C. gattii*. A doença é comumente relatada em gatos, embora também possa afetar cães, humanos e outros animais, sendo considerada uma micose oportunista e de distribuição mundial (Botelho, 2021 Müller; Nishizawa, 2017). Os principais reservatórios ambientais incluem excretas de aves,

especialmente pombos (*Columba livia domestica*), materiais orgânicos em decomposição, cascaras ou ocos de árvores, solo, poeira e cursos de água. Locais como torres de igrejas e áreas adjacentes também favorecem o crescimento fúngico devido a condições ambientais específicas, como temperatura moderada, alta quantidade de excreta de pombos e pH adequado (Pennisi *et al.*, 2013; Queiroz, 2008).

A transmissão ocorre por meio da inalação de basidiósporos presente no ambiente, que pode alcançar os pulmões e/ou disseminar-se por via linfática, ou hematogênica, apresentando predileção por tecidos altamente vascularizados, como linfonodos, sistema nervoso central, globo ocular e pele (Trivedi *et al.*, 2011; Müller; Nishizawa, 2017). Ocorre, com maior frequência, em indivíduos imunossuprimidos, embora possa manifestar-se de forma assintomática ou autolimitante em animais imunocompetentes (Queiroz, 2008).

A criptococose apresenta quatro formas clínicas, cuja manifestação depende diretamente da resposta imunológica do hospedeiro. Essas apresentações compreendem a síndrome cutânea, neurológica, respiratória e ocular (Müller; Nishizawa, 2017). Na forma cutânea, os sinais clínicos manifestam-se predominantemente na região da cabeça e pescoço dos felinos, podendo incluir nódulos únicos ou múltiplos de crescimento rápido. Também podem ser observadas lesões ulceradas, aumento de volume no plano nasal, espirros, dispneia e secreção nasal mucopurulenta (Juliano *et al.*, 2006; Trivedi *et al.*, 2011;). As manifestações neurológicas e oculares englobam desorientação, ataxia vestibular, midríase, cegueira e crises convulsivas, entre outras alterações (Jericó; Andrade Neto; Kogika, 2015; Norsworthy, 2018).

O diagnóstico pode ser confirmado pela identificação de *Cryptococcus* spp. em cultura fúngica, realizada após a visualização de leveduras no exame de triagem, isto é, na citologia cutânea. As amostras podem ser obtidas de secreção nasal, exsudatos teciduais ou linfonodais, líquido cefalorraquidiano (LCR), lavados traqueais ou urina (Trivedi *et al.*, 2011). Nos casos em que o exame citológico resulta negativo, recomenda-se a realização de biópsia dos tecidos acometidos. A cultura fúngica, em meios específicos, constitui o método de confirmação definitiva do agente. Outros exames descritos na literatura incluem testes sorológicos e PCR, embora não sejam amplamente empregados na prática clínica de rotina (Jericó; Andrade Neto; Kogika, 2015; Pennisi *et al.*, 2013). Adicionalmente, o exame radiográfico pode ser indicado para a detecção de alterações nos tecidos da cavidade nasal, bem como de anormalidades pulmonares (Müller; Nishizawa, 2017).

2.1.4 Esporotricose

A esporotricose é uma micose subaguda ou crônica, causada por fungos saprófitos, termodimórficos do complexo *Sporothrix schenckii*, com tropismo por moléculas de adesão celular (Sidrim; Rocha, 2004). As espécies mais patogênicas são a *S. brasiliensis*, *S. schenckii* e *S. globosa* (Della Terra, 2015). A infecção ocorre, predominantemente, por inoculação traumática na pele, decorrente de arranhaduras, mordeduras, espinhos de plantas ou contato direto com exsudato de felinos infectados. A transmissão por via inalatória também pode ocorrer, embora represente a forma menos frequente de disseminação (Jericó; Andrade Neto; Kogika, 2015; Larsson, 2011; Pires, 2017).

Trata-se de uma zoonose que acomete seres humanos e diferentes espécies animais, com destaque para o gato doméstico. Animais machos, não castrados e semidomiciliados apresentam maior predisposição à infecção, além de atuarem como carreadores da doença (Jericó; Andrade Neto; Kogika, 2015; Miranda *et al.*, 2013). Clinicamente, a esporotricose pode manifestar-se nas formas cutânea fixa, linfocutânea, cutânea disseminada ou extracutânea. Nos felinos, as apresentações mais prevalentes são a cutânea fixa e a disseminada, caracterizadas pela formação de lesões nodulares, ulceradas e crostosas. Em cães, observa-se com maior frequência a forma cutânea fixa e linfocutânea. A manifestação extracutânea ou sistêmica, embora rara, é descrita sobretudo em felinos e seres humanos (Assis *et al.*, 2022; Gomes *et al.*, 2012; Jerico; Andrade Neto; Kogika, 2015; Larsson, 2011).

No Brasil, a *S. brasiliensis* é considerada uma infecção emergente sendo a espécie caracterizada por alta virulência e patogenicidade, sendo reconhecida como um risco à saúde pública devido à sua eficiente transmissão zoonótica. Esse cenário se deve a diversos fatores, entre eles a introdução recente da espécie em áreas urbanas com populações felinas suscetíveis, a alta virulência do agente etiológico, que provoca lesões graves de evolução rápida, e a grande susceptibilidade dos felinos, além de comportamentos típicos da espécie, como brigas e marcação de território, que favorecem a inoculação traumática do fungo. A presença de gatos errantes e não castrados favorecem a permanência desses comportamentos que atuam como fatores de risco (Della Terra, 2015; Rodrigues, 2015).

Além disso, há relatos de redução na sensibilidade ao itraconazol, fármaco considerado de primeira escolha no tratamento da esporotricose, o que dificulta a resposta terapêutica, prolonga os casos clínicos e favorece a manutenção da cadeia de transmissão. Outro aspecto relevante é que a estrutura populacional clonal de *Sporothrix brasiliensis* contribui para sua

disseminação em surtos, em contraste com a maior diversidade genética observada em *S. schenckii* (Della Terra, 2015; Rodrigues, 2015).

As lesões manifestam-se com maior frequência na região da cabeça, base da cauda e membros distais, geralmente decorrentes de ferimentos associados a brigas (Norsworthy, 2018). O diagnóstico pode ser estabelecido por meio de cultura fúngica, citopatologia do conteúdo aspirado de abscessos e nódulos, swabs de lesões ulceradas e exsudativas ou raspados cutâneos. O exame histopatológico também constitui ferramenta diagnóstica complementar. Ressalta-se, entretanto, que resultados negativos não excluem a possibilidade da enfermidade (Gremião *et al.*, 2021; Pires, 2017).

2.1.5. Fungos Oportunistas

As dermatopatias fúngicas podem ser provocadas por fungos não dermatófitos e saprófitos, conhecidos como fungos oportunistas. Entre eles destacam-se *Aspergillus* spp., *Fusarium* spp., *Curvularia* spp., *Rhizopus* spp., *Bipolaris* spp., *Penicillium* spp. e *Acremonium* spp. (Rodrigues *et al.*, 2021; Sanches; Coutinho, 2007; Sobolev, 2022). Trata-se de fungos filamentosos, septados e de caráter oportunista. Na literatura, esses microrganismos também são descritos como potenciais contaminantes, sendo, portanto, imprescindível diferenciar situações em que atuam como agentes primários de dermatopatias daquelas em que representam contaminações laboratoriais (Sidrim; Rocha, 2004).

A feo-hifomicose consiste em uma infecção causada por fungos demáceos (pigmentados), podendo manifestar-se nas formas cutânea, subcutânea, corneal, superficial ou sistêmica. Embora rara em pequenos animais, já foram descritos casos em felinos. Entre as espécies etiológicas, destacam-se *Bipolaris* spp. e *Curvularia* spp. (Sidrim; Rocha, 2004; Wilkinson; Harvey, 1997;). Enquanto, hialo-hifomicose corresponde a infecções causadas por fungos hialinos, entre eles: *Fusarium* spp., *Penicillium* spp., *Acremonium* spp., *Paecilomyces* spp. As infecções por *Acremonium* spp. podem resultar em lesões nodulares, ulceradas e micetomas (Oliveira, 2019; Sidrim; Rocha, 2004; Sobolev, 2022)

A aspergilose disseminada é uma infecção incomum, ocorrendo predominantemente em animais imunossuprimidos. Na forma cutânea, acomete geralmente o plano nasal ou as cavidades orbitárias. As lesões típicas incluem abscessos subcutâneos, pápulas, pústulas, granulomas e áreas de necrose. Além da forma cutânea, a aspergilose pode apresentar a forma nasal e a forma disseminada, sendo esta última considerada rara (Norsworthy, 2018; Sanches;

Coutinho, 2007). O diagnóstico dos fungos oportunistas se baseia em exame direto com KOH, citopatologia, histopatologia e culturas fúngicas (Oliveira, 2019; Sidrim; Rocha, 2004).

2.1.6. Dimórficos Sistêmicos

Os fungos dimórficos são microrganismos saprofíticos capazes de apresentar-se em duas formas morfológicas distintas: filamentosa e leveduriforme. Entre os principais agentes associados a enfermidades em animais domésticos, destacam-se *Coccidioides immitis*, *Histoplasma capsulatum* e *Blastomyces dermatitidis*. A via respiratória constitui o principal mecanismo de infecção (Quinn *et al.*, 2018; Samanta, 2015).

A blastomicose é uma micose profunda de evolução crônica, ocasionada por *B. dermatitidis* (López-Martínez; Méndez-Tovar, 2012; Sidrim; Rocha, 2004). Clinicamente, pode manifestar-se nas formas pulmonar, disseminada ou cutânea. A apresentação respiratória é a mais frequentemente descrita, enquanto a forma cutânea — caracterizada por lesões ulcerativas e nodulares — é menos relatada na literatura (Brömel; Sykes, 2005; Pesqueira e Silva; Neto; Pita, 2019). Trata-se de uma enfermidade rara em felinos, sendo diagnosticada predominantemente em cães e, com maior frequência, em humanos (Brömel; Sykes, 2005; Prado *et al.*, 2022).

A histoplasmose é uma micose sistêmica potencialmente grave causada por *Histoplasma capsulatum*, que acomete cães e gatos. A transmissão ocorre pela inalação de microconídios presentes em ambientes contaminados por excretas de aves e morcegos. No trato respiratório, esses esporos transformam-se em leveduras intracelulares, disseminando-se por via linfática e hematogênica. É uma doença incomum em pequenos animais, mais observada em indivíduos imunossuprimidos. As formas clínicas incluem a pulmonar, gastrointestinal e disseminada; na forma cutânea, surgem úlceras, nódulos e fístulas. Embora ambas as espécies sejam suscetíveis, os cães são mais frequentemente afetados, e o diagnóstico é desafiador devido à inespecificidade dos sinais clínicos (Jericó; Andrade Neto; Kogika, 2015; Larsuprom *et al.*, 2017; Wilkinson; Harvey, 1997).

A coccidioidomicose, causada por *C. immitis*, é descrita com maior frequência em cães. Trata-se de uma infecção endêmica em regiões áridas e de clima quente, na qual os sinais clínicos são inespecíficos, predominando lesões pulmonares (Quinn *et al.*, 2018; Norsworthy, 2018). O diagnóstico definitivo das infecções por fungos dimórficos baseia-se em métodos como citopatologia, histopatologia e cultura fúngica, que possibilitam a diferenciação precisa entre os agentes envolvidos (Botelho, 2021; Sidrim; Rocha, 2004).

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo retrospectivo, descritivo e quantitativo, realizado no Hospital Veterinário da Universidade Federal da Paraíba (HV/CCA/UFPB), Campus II, em Areia–PB. A população estudada foi composta por felinos e caninos atendidos no HV/CCA/UFPB no período de janeiro de 2020 a dezembro de 2024.

Os dados foram obtidos a partir dos arquivos do Laboratório de Medicina Veterinária Preventiva e das fichas de atendimento clínico do HV/CCA/UFPB. Foram considerados os seguintes parâmetros: local de procedência, sexo (macho ou fêmea), idade (sem informação, menos de 12 meses, 1 a 5 anos, 6 a 10 anos, 10 anos ou mais), padrão racial, modo de criação (domiciliado, semidomiciliado, sem informação), status reprodutivo (castrado, não castrado, sem informação), sinais clínicos, queixa principal e diagnóstico (presença de fungo na citologia ou cultura).

Os dados foram organizados em planilhas eletrônicas (Microsoft Excel® e Microsoft Access®) e analisados por meio de estatística descritiva, com cálculo de frequências absolutas e relativas. Resultados catalogados como “ausente” ou “raro” não foram considerados significativos e, por isso, descartados. Casos em que um mesmo animal apresentou mais de uma dermatopatia foram contabilizados separadamente, para considerar o total de diagnósticos emitidos. As proporções foram apresentadas em relação ao total de animais positivos e ao total de diagnósticos emitidos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram analisados 1.325 prontuários clínicos de animais submetidos a exames diagnósticos em decorrência de suspeita de dermatopatias fúngicas, dos quais 49% (650/1.325) apresentaram estruturas compatíveis com fungos. Entre eles, 5,5% (36/650) revelaram apenas fungos sapróbios, como *Aspergillus* spp., *Fusarium* spp., *Curvularia* spp., *Rhizopus* spp., *Bipolaris* spp., *Penicillium* spp. e *Acremonium* spp., geralmente considerados como contaminantes, por serem facilmente isolados devido às suas baixas exigências nutricionais (Sidrim; Rocha, 2004).

Embora possam ocasionalmente ser agentes infecciosos, sua associação clínica foi limitada, em parte pela falta de informações conclusivas ou de diagnósticos conclusivos nas fichas clínicas. O crescimento de leveduras (sem identificação da espécie ou gênero) foi verificado em 0,9% (6/650) das amostras analisadas; entretanto, pela falta de informações

complementares sobre a espécie envolvida, esses dados também foram desconsiderados. Assim, a taxa final de positividade para fungos patogênicos foi de 45,8% (608/1.325).

Ao comparar com a literatura, nota-se grande variação entre os percentuais descritos. Nichita e Marcu (2010) relataram crescimento fúngico em 85,1% das amostras na Romênia, sendo 51,4% (52/100) fungos sapróbios e 33,7% fungos patogênicos. Paixão *et al.* (2001) observaram crescimento em aproximadamente 89,1% das 92 amostras obtidas em Fortaleza, com sapróbios em 66,3% dos casos. No rio Grande do Sul, Gomes (2012), analisando 1.739 casos de dermatopatias fúngicas, 37,5% eram causadas por fungos patogênicos e 15,4% por fungos sapróbios. As diferenças entre os estudos podem estar associadas ao número de animais avaliados, às metodologias laboratoriais utilizadas, ao critério de inclusão dos casos e, sobretudo, às características regionais, populacionais e climáticas que influenciam a ocorrência das micoses.

Tabela 1- Número de animais com suspeita de dermatopatias fúngicas e respectivos resultados diagnósticos (n.º e %) entre 2020 e 2024, no HV/UFPB.

Ano	N.º de casos suspeitos de dermatopatias fúngicas		Diagnóstico			
			Positivo		Negativo	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%
2020	43	3,2	14	2,3	29	4,0
2021	79	6,0	30	4,9	49	6,8
2022	401	30,3	217	35,7	184	25,7
2023	440	33,2	197	32,4	243	33,9
2024	362	27,3	150	24,7	212	29,6
Total	1.325	100,0	608	100,0	717	100,0

Fonte: Arquivo da autora (2025).

Conforme apresentado na Tabela 1, o ano de 2023 registrou a maior proporção de casos suspeitos de dermatopatias fúngicas (33,2%; 440/1.325). Entretanto, a maior proporção de positividade foi observada em 2022, correspondendo a 35,7% (217/608) dos casos. Nos anos de 2020 e 2021, houve uma redução expressiva no número de casos, possivelmente associada à pandemia de COVID-19 (SARS-CoV-2), que limitou o acesso aos serviços do HV/UFPB, resultando na menor taxa de positividade registrada em 2020, de 2,3% (14/608). Entre 2022 e 2024, a média anual de casos suspeitos de dermatopatias fúngicas foi de aproximadamente 401 casos suspeitos e 188 casos positivos por ano.

As principais dermatopatias fúngicas diagnosticadas em cães e gatos no HV/UFPB, entre 2020 e 2024, estão detalhadas na Tabela 2. Nesse período, foram registrados casos de otite fúngica (69,1%; 453/656), malasseziose cutânea (13,0%; 85/656), esporotricose (12,2%; 80/656), dermatofitose (4,9%; 32/656), criptococose (0,6%; 4/656) e blastomicose (0,3%; 2/656). Observa-se que houve variações no perfil de ocorrência das enfermidades entre cães e gatos, com predominância de diferentes micopatias em cada espécie.

Tabela 2 – Principais dermatopatias fúngicas diagnosticadas em cães e gatos entre 2020 e 2024, no HV/UFPB.

Principais dermatopatias fúngicas diagnosticadas	Cães		Gatos		Total	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Blastomicose	2	0,4	0	0,0	2	0,3
Criptococose	1	0,2	3	2,0	4	0,6
Dermatofitose	23	4,6	9	6,0	32	4,9
Esporotricose	4	0,8	76	50,7	80	12,2
Malasseziose	75	14,8	10	6,7	85	13,0
Otite fúngica	401	79,2	52	34,6	453	69,1
Total	506	100,0	150	100,0	656	100,0

Fonte: Arquivo da autora.

Nota: O número excedente (n = 40) corresponde ao número de animais positivos que apresentou infecção por dois ou mais agentes fúngicos.

De acordo com a tabela 2, a dermatopatia fúngica mais frequente foi a otite fúngica causada por *Malassezia* spp., correspondendo a 69,1% dos casos (453/656), seguida da malasseziose cutânea (13,0%; 85/656). Nos cães, essas dermatopatias também foram as mais observadas, com 79,24% (401/506) e 14,82% (75/506) diagnósticos, respectivamente. A ocorrência da otite fúngica em cães pode estar relacionada a fatores anatômicos do canal auditivo, como conformações que favorecem acúmulo de cerúmen e umidade, além de fatores de manejo domiciliar, predisposição racial e idade dos animais (Saridomichelakis *et al.*, 2007).

Cabe ressaltar também que a *M. pachydermatis* é uma levedura comensal integrante do microbioma cutâneo de cães, predominantemente em áreas como o conduto auditivo externo, espaços interdigitais e regiões sebáceas. Sua presença isolada não indica doença, pois mantém relação simbiótica com a microbiota bacteriana e o sistema imunológico do hospedeiro. Entretanto, situações de disbiose cutânea, decorrentes de alergopatias, endocrinopatias, umidade excessiva ou uso prolongado de antibióticos e corticoides, podem favorecer sua proliferação patogênica, resultando em dermatite ou otite por *Malassezia*. O tratamento deve visar não apenas à redução da carga fúngica, mas também à restauração da microbiota cutânea e à correção da condição primária que favoreceu sua multiplicação. (Bajwa, 2017; Bond, 2010; Guillot; Bond, 2020).

Os achados encontrados divergem do estudo de Cardoso *et al.* (2011), realizado com cães no Paraná, em que, 19,1% (49/257) dos animais apresentavam dermatopatias fúngicas (dermatofitose - 11,3%, otite fúngica - 4,3%, e malasseziose - 3,5%). Tal diferença pode estar associada a variações regionais, climáticas e populacionais, bem como a diferenças metodológicas, uma vez que, no presente estudo, foram incluídos cães e gatos, além da contabilização de casos de coinfeção. Por outro lado, para Machado, Appelt e Ferreiro (2004), a *Malassezia pachydermatis* foi o agente mais isolado, correspondendo a 13,2% das culturas, seguida pelos dermatófitos em 5,6% dos casos, em um total de 250 cães avaliados no Rio Grande do Sul, resultado que em parte corrobora os achados do presente estudo. Entretanto, esse estudo restringiu-se à investigação de dermatopatias cutâneas por cultura fúngica, sem avaliação da citologia auricular, o que limita a comparação direta com os resultados de otite fúngica encontrados.

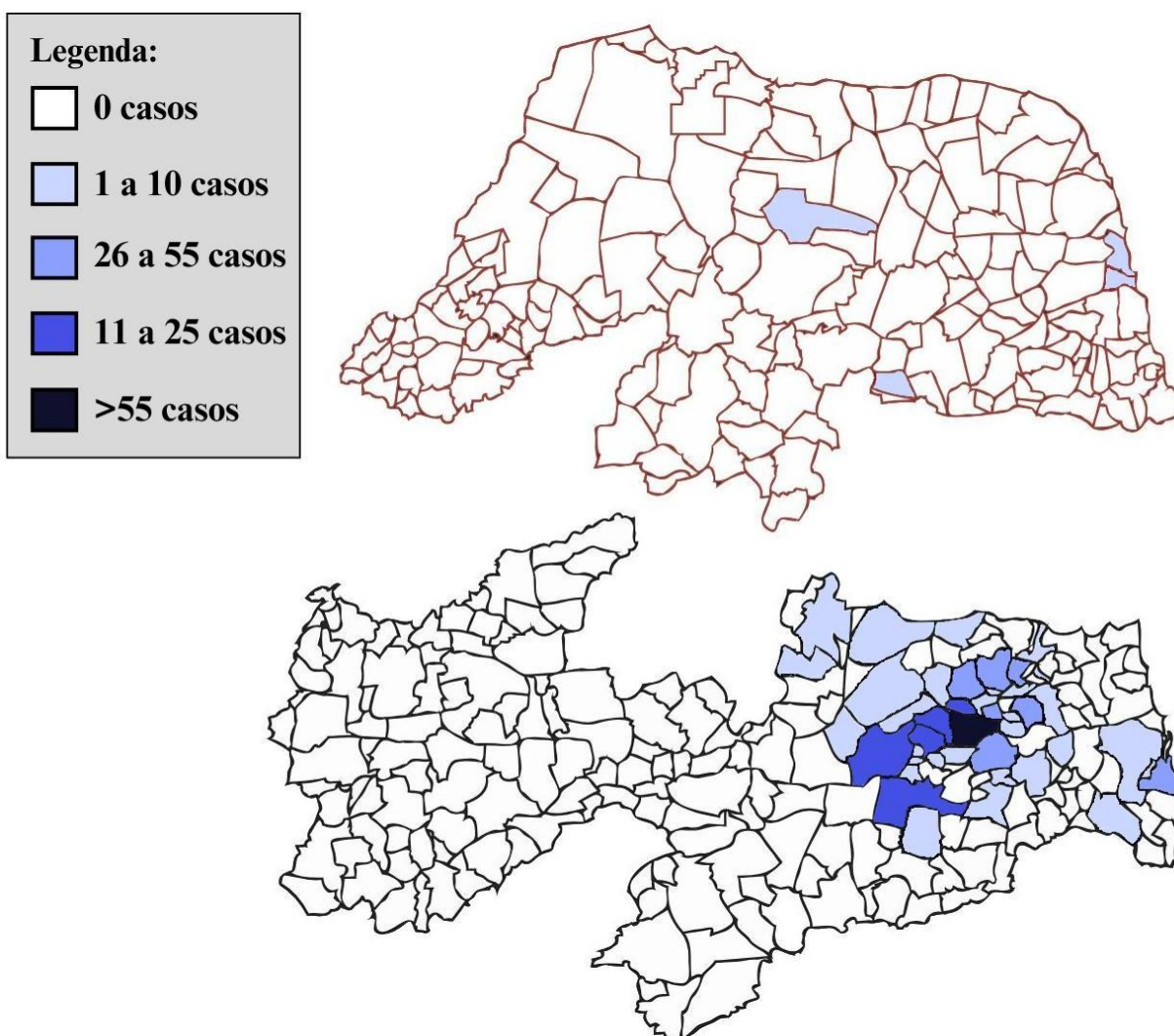
Entre os gatos, a dermatopatia mais prevalente foi a esporotricose, com 50,7% (76/150) dos casos de micoses diagnosticadas em felinos. A esporotricose felina correspondeu a 95% (76/80) diagnósticos desta doença. A maior ocorrência em felinos pode estar associada ao maior contato com o ambiente externo, comportamento exploratório e risco elevado de lesões traumáticas que favorecem a inoculação de *Sporothrix* spp. (Jericó; Andrade Neto; Kogika, 2015; Norsworthy, 2018). Ademais, os gatos são reconhecidos como os principais transmissores da esporotricose para humanos, cães e outros felinos (Barros; Paes; Schubach, 2011; Gremião *et al.*, 2017), o que pode justificar a elevada frequência observada na casuística analisada. A predominância da doença em felinos é também relatada por Alves *et al.* (2023) e Pereira *et al.* (2014), corroborando os resultados obtidos nesta pesquisa.

Cabe destacar que, embora a Tabela 2 apresenta registros de blastomicose cutânea em dois cães, trata-se de um diagnóstico a ser considerado com cautela, uma vez que essa micose é endêmica na América do Norte, especialmente nos Estados Unidos e no Canadá, e não há relatos confirmados de sua ocorrência no Brasil (Norsworthy, 2018; Brömel; Sykes, 2005). Além disso, a limitação de informações nos prontuários impossibilitou a confirmação diagnóstica.

No presente estudo, os cães representaram a maioria dos diagnósticos de dermatopatias fúngicas (77,1%; 506/656), proporção semelhante (79,3%; 729/919) foi relatada por Gomes (2012). Embora, neste estudo, 608 animais tenham apresentado resultados positivos, foram contabilizados 656 diagnósticos, devido à ocorrência de coinfeções ($n = 42$). Essas coinfeções podem estar associadas a fatores imunológicos, condições de manejo ou exposição múltipla a diferentes agentes fúngicos, hipótese que não pôde ser confirmada neste estudo.

A distribuição dos municípios com casos de dermatopatias fúngicas está apresentada na Figura 1, evidenciando as localidades com maior número de atendimentos e refletindo a proximidade geográfica do HV/CCA/UFPB, bem como fatores relacionados à disponibilidade de serviços especializados e ao poder econômico local. No período estudado, os animais atendidos provinham de diversos municípios da Paraíba e do Rio Grande do Norte, sendo a maioria dos casos positivos de dermatopatias fúngicas concentrou-se em municípios paraibanos, destacando-se Areia (32,4%; 197/608), Esperança e Campina Grande (8,3%; 51/608 cada), Remígio (7,9%; 48/608), Pocinhos (6,3%; 38/608) e Arara (4,4%; 27/608).

Figura 1 - Distribuição geográfica dos casos positivos de dermatopatias fúngicas nos estados do Rio Grande do Norte e da Paraíba.



Fonte: Elaborado por Eduarda Galvão, 2025.

Esse predomínio pode ter ocorrido pela localização geográfica do HV/CCA/UFPB ser no município de Areia–PB, que facilita o acesso para os responsáveis de animais dos municípios

circunvizinhos. Além disso, outros municípios paraibanos que obtiveram acima de 10 casos foram Solânea (3,9%; 24/608), Guarabira (3,6%; 22/608), Alagoa Grande (3,1%; 19/608), João Pessoa (2,6%; 16/608). Pilões (2,1%; 13/208), Bananeiras (1,9%; 12/608) e Belém (1,8%; 11/608). Por fim, 33 cidades apresentaram entre 1 e 10 casos, indicadas apenas na figura.

Dentre essas localidades, João Pessoa, sendo a cidade mais distante de Areia, sugere que a população tenha buscado atendimento especializado no HV/CCA/UFPB, possivelmente devido à disponibilidade de serviços públicos e docentes na área de dermatologia, além do maior poder econômico da capital, que facilita o acesso a serviços mais distantes. No Rio Grande do Norte, foram registrados casos em quatro municípios; sugere-se que a ocorrência em localidades mais afastadas esteja relacionada não apenas à procedência de alguns membros do corpo acadêmico do CCA/UFPB, mas também a fatores como a proximidade relativa com a Paraíba, o menor custo do atendimento em hospital universitário público, encaminhamentos de médicos-veterinários locais e a busca por serviços especializados indisponíveis em determinadas regiões. Tais registros indicam a busca por atendimento veterinário público e especializado, não refletindo, necessariamente, a prevalência local da doença.

Blastomicose

No presente estudo relata-se o suposto diagnóstico de blastomicose cutânea em dois cães, sendo provenientes dos municípios de Areia–PB (1 cadela, raça Labrador, 3 anos), e Barra de Santa Rosa (1 cadela, raça Pitbull, 8 anos). As lesões cutâneas observadas consistiram em alopecia (100%; 2/2), lesão nodular (50,0%; 1/2), rarefação pilosa (50,0%; 1/2), hiperpigmentação (50,0%; 1/2), hiperqueratose (50,0%; 1/2), principalmente na região do dorso (100%; 2/2), cabeça (50%; 1/2) e membros (50%; 1/2). As principais queixas relatadas pelos tutores incluíram descamação de pele e alterações dermatológicas inespecíficas.

A blastomicose causada por *Blastomyces dermatitidis* é considerada uma micose endêmica em regiões da América do Norte, especialmente nos Estados Unidos (EUA), com maior frequência em cães e humanos (Norsworthy, 2018; Brömel; Sykes, 2005). Destaca-se que não foram encontradas publicações a respeito de algum caso anterior da presença de *B. dermatitidis* no Brasil, o que pode sugerir uma falha na identificação morfológica dos isolados. Ademais, a ausência de informações mais detalhadas nos prontuários limitou a avaliação das variáveis clínicas e epidemiológicas, impossibilitando a confirmação definitiva do diagnóstico.

Criptococose

No presente estudo, o *Cryptococcus* spp. foi isolado em três gatos e em um cão. Todos os felinos eram sem raça definida (SRD), sendo dois deles fêmeas (66,7%; 2/3) e um macho (33,3%;1/3). O único cão positivo tratava-se de um Labrador, macho, jovem adulto, criado em um sítio, cuja exposição ambiental pode ter favorecido o contato com solo ou poeira contaminada, embora dados ambientais específicos não tenham sido coletados, limitando a confirmação dessa hipótese. A criptococose é uma micose comumente descrita em felinos, considerada uma das principais micoses sistêmicas que acometem essa espécie (Norsworthy, 2018). Segundo Pennisi *et al.* (2013), os gatos apresentam risco de infecção cinco a seis vezes maior que os cães, o que torna os achados deste levantamento compatíveis com o descrito na literatura. Observou-se ainda que todos os quatro animais eram não castrados e, entre os felinos, apenas um possuía manejo estritamente domiciliado, sugerindo que a maior mobilidade e contato com o ambiente externo podem ter contribuído para a infecção.

As lesões clínicas observadas incluíram formações nodulares ulceradas (100%;4/4), áreas de alopecia (25,0%; 1/4) e secreção purulenta local (25,0%; 1/4). Os principais locais acometidos foram a pavilhão auricular (50,0%; 2/4), região cervical (25,0%; 1/4, cabeça (25,0%; 1/4) e o plano nasal (25,0%; 1/4), coincidindo com os sítios descritos por Trivedi *et al.* (2011), assim como o padrão de manifestações clínicas relatadas neste estudo. Ressalta-se, entretanto, que a baixa frequência de casos no presente levantamento impede a generalização dos achados, embora estejam consistentes com os padrões clínicos reportados na literatura.

Dermatofitose

A distribuição dos casos de dermatofitose de acordo com espécie, sexo, idade, modo de criação e status reprodutivo estão apresentados na Tabela 3. A maior frequência de dermatofitoses foi registrada em cães (71,9%; 23/32), com predomínio de fêmeas (59,4%; 19/32) e animais sem raça definida (SRD) (68,7%; 22/32). Esses resultados são semelhantes aos descritos por Appelt (2010) e Neves *et al.* (2011), que também relataram maior frequência em fêmeas e SRD. Contudo, Balda *et al.* (2004) em estudo em São Paulo, relataram maior frequência em machos (53,9%; 41/76), evidenciando diferenças regionais e populacionais entre os levantamentos. Ressalta-se que, segundo o Consenso Mundial de Diagnóstico e Tratamento de Dermatofitose em cães e gatos (Moriello *et al.*, 2017), o sexo não constitui fator predisponente para a infecção, sugerindo que os achados deste estudo, refletem o perfil populacional atendido no HV/UFPB e não uma associação biológica com a doença.

Tabela 3 - Distribuição dos 32 animais positivos para dermatofitoses no período de 2020 a 2024, segundo espécie, sexo, raças, idade, modo de criação e status reprodutivo no HV/UFPB.

Variáveis	Cães		Gatos		Total	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Sexo						
Fêmea	12	52,2	7	77,8	19	59,4
Macho	11	47,8	2	22,2	13	40,6
Raças						
SPRD	13	56,5	9	100,0	22	68,7
Raça definida	10	43,5	0	0,0	10	31,3
Idade						
<12 meses	2	8,7	0	0,0	2	6,2
1 a 5 anos	9	39,1	3	33,3	12	37,5
6 a 10 anos	6	26,1	6	66,7	12	37,5
>10 anos	2	8,7	0	0,0	2	6,2
Sem informações	4	17,4	0	0,0	4	12,6
Modo de Criação						
Domiciliado	12	52,2	6	66,7	18	56,2
Semidomiciliado	1	4,3	3	33,3	4	12,5
Acesso apenas a quintal ou sítio	7	30,5	0	0,0	7	21,9
Animal de rua	2	8,7	0	0,0	2	6,3
Abrigo	1	4,3	0	0,0	1	3,1
Status Reprodutivo						
Castrado	6	26,1	6	66,7	12	37,5
Inteiro	16	69,6	3	33,3	19	59,4
Sem informações	1	4,3	0	0,0	1	3,1

Fonte: Arquivo da autora.

Em relação aos animais de raça definida, três (9,4%; 3/32) eram da raça Pit Monster, enquanto Pitbull e Pinscher corresponderam a 6,3% (2/32) cada. As demais raças foram identificadas de forma isolada, com apenas um exemplar de Poodle, Shih Tzu e Yorkshire Terrier. Resultados divergentes foram descritos por Balda *et al.* (2004), que identificaram as raças Poodle e Yorkshire como as mais prevalentes do estudo. Em Ribeiro *et al.* (2021), os Poodles também foram identificados como a raça mais prevalente, seguida de Shih tzu e Yorkshire. Essas diferenças em relação a outros estudos podem refletir a população específica

atendida no HV/UFPB, na qual cães de raças específicas são menos frequentes. Além disso, esse fator pode explicar a maior prevalência de SRD nos resultados obtidos.

Quanto à faixa etária, 75,0% (24/32) dos casos ocorreram em animais de até 10 anos (37,5% em animais de cada um dos grupos - 1 e 5 anos e de 6 e 10 anos), apontando maior ocorrência em adultos jovens e adultos de meia-idade, embora a literatura aponte maior predisposição em filhotes (Moriello *et al.*, 2017). Contudo, os resultados observados mostraram-se parcialmente compatíveis com a média de idade descrita em outros estudos, que varia entre 23 e 48 meses, aproximadamente de 1 a 4 anos (Appelt, 2010; Balda *et al.*, 2004; Neves *et al.*, 2011). Tal diferença pode estar relacionada à busca tardia por atendimento veterinário por parte dos tutores, bem como à contínua exposição dos animais adultos aos agentes fúngicos em ambientes externos

Quanto aos agentes fúngicos, destacam-se: *Microsporum canis* e *Trichophyton rubrum* (15,6%; 5/32, cada) e *M. gypseum* (3,1%; 1/32), achados semelhantes aos descritos por Neves *et al.* (2011), que observaram predominância *M. canis* e *Trichophyton* spp. no estado do Mato Grosso. Ressalta-se, entretanto, que em 24 casos (75,0%; 24/32) os dermatófitos não tiveram sua espécie determinada nos laudos laboratoriais, permanecendo classificados apenas ao nível de gênero. Em cinco animais foi observada coinfeção por duas espécies fúngicas distintas.

As lesões dermatológicas mais frequentes foram alopecia (17/32; 53,1%), crostas (10/32; 31,3%), eritema (6/32; 18,8%), rarefação pilosa (5/32; 15,6%), hiperpigmentação (3/32; 9,4%) e hiperqueratose (2/32; 6,3%). A distribuição das lesões manteve proporções semelhantes às relatadas por Balda *et al.* (2004), reforçando a consistência dos achados entre diferentes estudos.

Os locais mais acometidos incluíram dorso (9/32; 28,1%), cauda (8/32; 25,0%), membros (7/32; 21,9%), região cervical (7/32; 21,9%), abdômen (5/32; 15,6%), cabeça (3/32; 9,4%), região periocular (2/32; 6,3%) e espaços interdigitais (2/32; 6,3%), além de casos em que as lesões se apresentaram de forma generalizada (9/32; 28,1%). As principais queixas relatadas pelos tutores foram presença de prurido intenso (7/32; 21,9%), lesões cutâneas (6/32; 18,8%), queda de pelos (5/32; 15,6%) e manchas (3/32; 9,4%), corroborando a variabilidade clínica do prurido descrita por Moriello (2004). Quanto à distribuição das lesões, os resultados coincidiram com os descritos na literatura (Balda *et al.*, 2004; Sidrim; Rocha, 2004;).

Esporotricose

A Tabela 4 apresenta a distribuição dos 80 animais positivos para esporotricose de acordo com raça, sexo, idade, modo de criação e status reprodutivo. A esporotricose predominou em gatos com (95%; 76/80). No total de animais com esporotricose, houve predomínio em machos (73,7%; 59/80), além de maior frequência em animais semidomiciliados (55%; 44/80) e animais não castrados (68,7%; 55/80). A faixa etária mais acometida foi a de 1 a 5 anos (57,5%; 46/80), sugerindo maior exposição em animais jovens adultos.

Tabela 4 - Distribuição dos 80 animais positivos para esporotricose no período de 2020 a 2024, segundo raça, sexo, modo de criação, status reprodutivo e idade, no HV/UFPB.

Variáveis	Cães		Gatos		Total	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Sexo						
Fêmea	1	25,0	20	26,3	59	73,7
Macho	3	75,0	56	73,7	21	26,3
Raças						
SPRD	2	50,0	71	93,4	73	91,3
Raça definida	2	50,0	5	6,6	7	8,7
Idade						
<12 meses	1	25,0	8	10,5	9	11,3
1 a 5 anos	2	50,0	44	57,9	46	57,5
6 a 10 anos	1	25,0	9	11,8	10	12,5
						1,2
						17,5
Modo de Criação						
Domiciliado	1	25,0	15	19,7	16	20,0
Semidomiciliado	1	25,0	43	56,6	44	55,0
Acesso apenas a quintal ou sítio	2	50,0	11	14,5	13	16,2
Animal de rua	0	0,0	7	9,2	7	8,8
Abrigo	0	0,0	0	0,0	16	20,0
Status Reprodutivo						
Castrado	0	0,0	24	31,6	24	30,0
Inteiro	4	100,0	51	67,1	55	68,7
Sem informações	0	0,0	1	1,3	1	1,3

Fonte: Arquivo da autora.

Semelhante a nossos dados, outros estudos mostram que a esporotricose foi mais frequente em machos no Rio Grande do Sul - 71,8% (Zamboni *et al.*, 2022), Rio de Janeiro - 69,6% em machos não castrados, sendo que 89,3% apresentavam acesso à rua (Almeida *et al.*, 2018). A predominância de machos inteiros e com livre acesso ao ambiente externo pode estar associada a comportamentos de marcação territorial e brigas, fatores descritos na literatura como predisponentes para a inoculação do fungo por meio de feridas cutâneas (Jericó; Andrade Neto; Kogika, 2015; Norsworthy, 2018). Esses achados reforçam que aspectos comportamentais e de manejo exercem papel relevante na dinâmica da esporotricose.

Nos cães positivos, todos eram inteiros, sendo metade (50%; 2/4) SRD e 75% (3/4) machos. Quanto ao manejo, apenas um cão era totalmente domiciliado. Os demais, embora apenas um tivesse acesso irrestrito às ruas, os outros eram mantidos em quintal, o que pode ter favorecido a exposição ambiental e, conseqüentemente, a infecção fúngica. Embora cães não sejam considerados os principais responsáveis pela transmissão do fungo, há registros de infecção humana associada a essa espécie (Gremião *et al.*, 2021). A escassez de estudos retrospectivos em cães com esporotricose dificulta comparações mais amplas, reforçando a necessidade de novas investigações nesta espécie.

Os principais sinais clínicos relatados incluíram lesões de difícil cicatrização (75,0%; 60/80), aumento de volume (8,7%; 7/80) e episódios de espirros (6,2%; 5/80). As lesões observadas foram ulcerações cutâneas (77,5%; 62/80), crostas (20,0%; 16/80), aumento de volume do plano nasal (18,7%; 15/80) e nódulos cutâneos (5,0%; 4/80), achados compatíveis com os resultados de Almeida *et al.* (2018), 39,3% dos 66 animais analisados apresentaram comprometimento respiratório associado a edema de plano nasal e espirros. Ressalta-se que lesões nasais podem anteceder ou até ocorrer isoladamente, sem manifestações cutâneas (Gremião *et al.*, 2021).

Quanto à distribuição anatômica, os locais mais acometidos foram membros (56,2%; 45/80), pavilhão auricular (26,2%; 21/80), face (18,7%; 15/80) e pescoço (6,2%; 5/80). Tais achados coincidem com os descritos por Zamboni *et al.* (2022), que também relataram maior frequência em membros, face e orelhas (35,8%) e Norsworthy (2018) que destaca maior vulnerabilidade dessas regiões a traumas durante brigas entre gatos.

Malasseziose

A malasseziose cutânea foi diagnosticada em 85 animais, cuja distribuição segundo as variáveis raça, sexo, idade, modo de criação e status reprodutivo estão mostrados na Tabela 5.

Os cães foram os mais acometidos, correspondendo a 88,2% (75/85) dos casos, compatível com relatos na literatura, que apontam os cães como a espécie mais afetada (Bajwa, 2017; Bond *et al.*, 2020; Negre; Bensignor; Guillot, 2009). Do total, 50,6% (43/85) eram fêmeas e 58,8% (50/85) eram SPRD. A raça mais acometida foi o Poodle (12,9%; 11/85), seguida do Shih tzu (7,1%; 6/85). Quanto ao modo de criação, 50,6% (43/85) eram domiciliados, enquanto a maioria dos animais, 74,1% (63/85), não era castrada. No que se refere à faixa etária, a prevalência mais elevada ocorreu entre 1 e 5 anos (32,9%; 28/85) indicando maior ocorrência da enfermidade em animais adultos jovens.

Tabela 5 - Distribuição dos 85 animais positivos para malasseziose no período de 2020 a 2024, segundo raça, sexo, modo de criação, status reprodutivo e idade, no HV/UFPB.

Variáveis	Cães		Gatos		Total	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Sexo						
Fêmea	37	49,3	6	60,0	42	49,4
Macho	38	50,7	4	40,0	43	50,6
Raças						
SPRD	40	53,3	10	100,0	50	58,8
Raça definida	35	46,7	0	0,0	35	41,2
Idade						
<12 meses	1	1,3	2	20,0	3	3,5
1 a 5 anos	26	34,7	2	20,0	28	32,9
6 a 10 anos	26	34,7	1	10,0	27	31,8
>10 anos	7	9,3	0	0,0	7	8,3
Sem informações	15	20,0	5	50,0	20	23,5
Modo de Criação						
Domiciliado	39	52,0	4	40,0	43	50,6
Semidomiciliado	4	5,3	5	50,0	9	10,6
Acesso apenas a quintal ou sítio	24	32,0	0	0,0	24	28,2
Animal de rua	5	6,7	1	10,0	6	7,1
Abrigo	3	4,0	0	0,0	3	3,5
Status Reprodutivo						
Castrado	14	18,7	5	50,0	19	22,4
Inteiro	59	78,7	4	40,0	63	74,1
Sem informações	2	2,6	1	10,0	3	3,5

Fonte: Arquivo da autora

Resultados semelhantes foram descritos por Mazzei *et al.* (2002), que observaram maior prevalência em animais entre 3 e 4 anos (15,2%) e predomínio em fêmeas (49 a 53,2%). Entretanto, estes autores encontraram maior frequência de malasseziose em cães da raça Cocker Spaniel Inglês, divergindo dos achados neste estudo, provavelmente em função de diferenças regionais na distribuição das raças, em que nos animais atendidos no HV/UFPB a raça mais acometida foi Poodle. Ainda assim, segundo Bond *et al.* (2020), Poodles e Shih Tzus estão entre as raças predispostas à malasseziose, o que corrobora os resultados obtidos neste levantamento.

Parte dos animais positivos foi encaminhada ao HV/UFPB por apresentarem queixas inespecíficas. Nos demais, os principais motivos relatados foram: prurido intenso (31,7%; 27/85), lesões cutâneas (20,0%; 17/85) e queda de pelos (7,0%; 6/85). As alterações mais observadas incluíram alopecia (36,4%; 31/85), eritema (36,4%; 31/85), hiperpigmentação (27,0%; 23/85), rarefação pilosa (22,3%; 19/85), crostas (18,8%; 16/85), além de odor rançoso (4,7%; 4/85), hipotricose (2,4%; 2/85) e dermatite úmida aguda (2,4%; 2/85). Quanto à distribuição anatômica, as lesões afetaram principalmente região ventral (23,5%; 20/85), membros, cauda e dorso (7,0%; 6/85 cada), região periocular (5,8%; 5/85) e, em alguns casos, apresentaram-se de forma generalizada (29,4%; 25/85).

As alterações clínicas relatadas neste estudo são compatíveis com a literatura (Cafarchia *et al.*, 2005; Guillot; Bond, 2020; Hobi *et al.*, 2024). O odor rançoso, embora pouco frequente neste estudo, é considerado característico e relevante no diagnóstico clínico da doença (Hnilica, 2012). A malasseziose pode se apresentar de forma localizada ou generalizada, dependendo da resposta imunológica e da cronicidade da doença (Bajwa, 2017; Hobi *et al.*, 2024). Cabe ressaltar que a malasseziose cutânea, em geral, é secundária a outras condições de base, como alergias, endocrinopatias, doenças autoimunes, ectoparasitoses ou infecções concomitantes (Bajwa, 2017; Guillot; Bond, 2020). Assim, investigações futuras que explorem sua associação com doenças de base podem aprofundar a compreensão da casuística.

Otite fúngica

Na Tabela 6 observa-se a distribuição dos casos de otite fúngica segundo espécie, sexo, idade, modo de criação e status reprodutivo. A otite fúngica causada por *Malassezia* sp. foi a dermatopatia fúngica mais frequente (69,1; 453/656), sendo predominante em machos (51,0%; 231/453), animais domiciliados (54,1%; 245/453) e não castrados (67,8%; 307/453). Resultados semelhantes foram descritos por Araújo *et al.* (2023), que relataram 57,8% de cães machos e 74% de gatos machos. Contudo, a literatura não confirma predisposição sexual para

a doença (Saridomichelakis *et al.*, 2007), o que sugere que fatores de manejo possam explicar essa maior frequência.

Com relação à raça, animais sem raça definida (SRD) representaram mais da metade dos diagnósticos (54,3%; 246/453). Entre os cães de raça definida, destacou-se Poodle (14,5%; 66/453), Pinscher (5,3%; 24/453), Shih Tzu (5,1%; 23/453) e Labrador (3,1%; 14/453). Nos gatos, apenas as raças Persa (1,1%; 5/453) e Siamês (0,6%; 3/453) apresentaram otite fúngica. Achados semelhantes foram descritos por Oliveira *et al.* (2012), que identificaram maior frequência de otite em animais SRD (40,9%; 252/616), seguidos por Poodle, Cocker Spaniel, Labrador e Pastor Alemão. Por outro lado, Angus *et al.* (2002), relataram maior ocorrência nas raças Labrador (8,7%), Golden Retriever (5,7%) e Cocker Spaniel (4,2%). Em gatos, Araújo *et al.* (2023) relataram maior frequência na raça Persa (15,8%), frequência bem superior à encontrada no presente estudo. Essas divergências entre frequências de diversos trabalhos podem estar associadas às particularidades populacionais e ao perfil de atendimento de cada região.

Segundo Saridomichelakis *et al.* (2007), fatores como conformação anatômica do conduto auditivo, excesso de pelos, doenças concomitantes, dermatopatias, traumas e estenose do canal auditivo podem predispor ao desenvolvimento de otite externa. Nesse sentido, algumas raças registradas neste estudo apresentam algumas dessas características anatômicas citadas, o que pode justificar sua maior frequência entre os casos positivos.

Quanto à faixa etária, a maior frequência ocorreu entre 1 e 5 anos (34,0%; 154/453). Destaca-se que Santos e Guimarães (2020) citam que metade (50%) dos casos de otite fúngica ocorreu em gatos de 1 a 5 anos, enquanto nos cães, a maior frequência (49%) ocorreu na faixa etária de 5 a 10 anos. No presente estudo, não foi realizada separação entre espécies, mas observou-se maior frequência nas faixas de 1 a 5 anos e 6 a 10 anos, achado que se aproxima dos resultados descritos na literatura. Os resultados encontrados possivelmente refletem variações na população atendida e no perfil dos tutores que buscaram atendimento.

Tabela 6: Distribuição dos 453 animais positivos para otite fúngica por *Malassezia* spp. no período de 2020 a 2024, segundo sexo, raça, modo de criação, status reprodutivo e idade, no HV/UFPB.

Variáveis	Cães		Gatos		Total	
	n.º	%	n.º	%	n.º	%
Sexo						
Macho	203	50,6	28	53,8	231	51,0
Fêmea	198	49,4	24	46,2	222	49,0
Raça						
SPRD	202	50,4	44	84,6	246	54,3
Raça Definida	199	49,6	8	15,4	207	45,6
Modo de Criação						
Domiciliado	215	53,6	30	57,7	245	54,1
Semidomiciliado	43	10,7	10	19,2	53	11,7
Acesso apenas a quintal ou sítio	108	26,9	8	15,4	116	25,6
Animal de rua	14	3,5	2	3,9	16	3,5
Abrigo	18	4,5	1	1,9	19	4,2
Não informado	3	0,8	1	1,9	4	0,9
Status Reprodutivo						
Castrado	108	26,9	24	46,2	132	29,1
Inteiro	282	70,4	25	48,0	307	67,8
Sem informações	11	2,7	3	5,8	14	3,1
Idade						
<12 meses	28	7,0	8	15,4	36	7,9
1 a 5 anos	128	31,9	26	50	154	34,0
6 a 10 anos	124	30,9	10	19,2	134	29,6
>10 anos	66	16,5	1	1,9	67	14,8
Sem informações	55	13,7	7	13,5	62	13,7

Fonte: Arquivo da autora.

As principais queixas relatadas pelos tutores incluíram prurido intenso no pavilhão auricular (31,8%; 144/453), histórico de tratamento prévio para otite (7,5%; 34/453), ocorrência de otohematoma (5,7%; 26/453), movimentos frequentes de sacudir a cabeça (3,1%; 14/453) e presença de secreção auricular (4,4%; 20/453). Em 38,4% (174/453) dos casos, as queixas foram inespecíficas, sendo os sinais identificados apenas no momento do atendimento clínico, destacando a necessidade de avaliação clínica detalhada. Os principais achados clínicos incluíram hiperemia do conduto auditivo (3,3%; 15/453), estenose parcial ou total do conduto (2,9%; 13/453), odor rançoso (7,0%; 32/453), secreções enegrecidas, amareladas ou sanguinolentas (30,0%; 136/453), otohematoma (7,5%; 34/453), descamação cutânea (5,7%;

26/453), hiperqueratose (10,1%; 46/453), hiperpigmentação (7,3%; 33/453) e presença de crostas (7,1%; 32/453).

O prurido auricular, sinal mais frequentemente observado, é consistente com os achados de Saridomichelakis *et al.* (2007), que o relataram em 33,3% (33/100) dos casos. Além disso, esses autores observaram histórico de tratamento prévio em 39% dos animais, sugerindo recorrência ou falha terapêutica, o que também foi identificado nesta casuística. O otohematoma, observado em 26 animais, provavelmente esteve associado a traumas decorrentes de meneios de cabeça, prurido auricular ou processos inflamatórios agudos e crônicos no pavilhão auricular (Evangelista *et al.*, 2012). Do mesmo modo, os movimentos frequentes de sacudir a cabeça, relatados em 14 animais, podem ter contribuído para essa manifestação.

Esses sinais, em conjunto com secreções de diferentes colorações e o odor rançoso, são descritos na literatura como característicos da otite por *Malassezia* sp. (Angus *et al.*, 2002; Gomes *et al.*, 2012; Saridomichelakis *et al.*, 2007). Jericó, Andrade Neto e Kogika (2015) também mencionam edema, hiperqueratose, hiperemia e eritema como achados comuns, destacando que o edema pode levar à estenose do conduto auditivo, resultando em dor e desconforto para o animal, em concordância com os resultados obtidos.

5 CONCLUSÃO

Conforme os dados obtidos, a otite fúngica foi a dermatose fúngica mais frequentemente diagnosticada, seguida da malasseziose cutânea, ambas com maior ocorrência em cães. Nos gatos, as micoses dérmicas mais frequentes foram esporotricose e otite fúngica.

No geral, as dermatoses afetaram animais de ambos os sexos, destacando-se apenas a esporotricose, mais frequente em machos, e a criptococose, diagnosticada apenas em fêmeas. Além disso, as dermatopatias fúngicas foram mais frequentes em animais adultos jovens (1 a 5 anos). Animais sem raça definida (SRD) foram os mais acometidos, no entanto, a raça canina mais acometida foi Poodle e, entre os gatos, o Siamês.

Esses achados evidenciam a relevância da investigação epidemiológica das dermatopatias fúngicas em pequenos animais, por possibilitar a compreensão de padrões de ocorrência, possíveis fatores predisponentes e regiões de maior risco, aspectos fundamentais para o aprimoramento do diagnóstico, do manejo clínico e da vigilância em saúde animal. Além disso, recomenda-se que estudos futuros explorem a associação entre fatores de risco,

manifestações clínicas e perfil populacional, a fim de ampliar o conhecimento e subsidiar estratégias mais eficazes de prevenção e controle dessas doenças.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. J.; REIS, N. F.; LOURENÇO, C. S.; COSTA, N. Q.; BERNARDINO, M. L.A.; VIEIRA-DA-MOTTA, O. Esporotricose em felinos domésticos (*Felis catus domesticus*) em Campos dos Goytacazes, RJ. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v. 38, n. 7, p. 1438–1443, jul. 2018. DOI: 10.1590/1678-5150-PVB-5559.
- ALVES, B. B. H.; SOUZA, B. B. C.; ROTUNDO, G. R. P.; *et al.* Dermatofitos em cães e gatos e seu contexto na saúde pública: revisão de literatura. **Revista do Instituto Adolfo Luiz**, v. 84, p. 40382, jan. 2025. DOI:10.53393/rial.2025.v.84.40382.
- ALVES, R. C.; SOARES, Y. G. S.; COSTA, D. F. L.; FIRMINO, M. O.; BRITO JUNIOR, J. R. C.; SOUZA, A. P.; GALIZA, G. J. N.; DANTAS, A. F. M. Fungal diseases in dogs and cats in Northeastern Brazil. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, São Paulo, v. 43, 2023. DOI: 10.1590/1678-5150-pvb-71769. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pvb/a/7bYr6m7VdkwGCBjtJRvp36s/>. Acesso em: 21 set. 2025.
- ANGUS, J. C.; LICHTENSTEIGER, C. L.; CAMPBELL, K. L.; SCHAEFFER, D. J. Breed variations in histopathologic features of chronic severe otitis externa in dogs: 80 cases (1995–2001). **Journal of the American Veterinary Medical Association**, v. 221, n. 7, p. 1000–1006, 2002. DOI: 10.2460/javma.2002.221.1000.
- APPELT, C. E. **Estudo retrospectivo das dermatofitoses diagnosticadas em cães e gatos em Porto Alegre, RS, Brasil, no período de 1979 a 2009**. 2010. 85 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Veterinárias) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010. Disponível em: <https://hdl.handle.net/10183/29541>. Acesso em: 28 ago. 2025.
- ARAÚJO, R. R.; SILVA, R. E.; NOBRE, M. L. M.; PINHEIRO, R. E. E.; TENÓRIO, T. G. S.; SOARES, M. J. S. Epidemiological profile of canine and feline otitis in a University Veterinary Hospital: a retrospective study. **Acta Veterinaria Brasilica**, v. 17, n. 3, 2023. DOI: 10.21708/avb.2023.17.3.11906.
- ASSIS, G. S.; ROMANI, A. F.; SOUZA, C. M.; VENTURA, G. F.; RODRIGUES, G. A.; STELLA, A. E. Esporotricose felina e saúde pública. **Veterinária e Zootecnia**, São Paulo, v. 29, p. 1–10, 2022. DOI: <https://doi.org/10.35172/rvz.2022.v29.594>.
- BAJWA, J. Canine *Malassezia* dermatitis. **Canadian Veterinary Journal**, v. 58, n. 10, p. 1119–1121, 2017.
- BALDA, A. C.; LARSSON, C. E.; OTSUKA, M.; GAMBALE, W. Estudo retrospectivo de casuística das dermatofitoses em cães e gatos atendidos no Serviço de Dermatologia da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo. **Acta Scientiae Veterinariae**, Porto Alegre, v. 32, n. 2, p. 133–140, 2004. Disponível em: https://repositorio.usp.br/directbitstream/bbbb4ca7-c506-42dc-8434-b33e05f54b07/LAR_154_1451256_M.pdf. Acesso em: 30 ago. 2025.

BARROS, M. B. L.; PAES, R. A.; SCHUBACH, A. O. *Sporothrix schenckii* and sporotrichosis. **Clinical Microbiology Reviews**, Washington, v. 24, n. 4, p. 633-654, out. 2011. ISSN 0893-8512; e-ISSN 1098-6618. DOI: 10.1128/CMR.00007-11.

BOND, R.; MORRIS, D. O.; GUILLOT, J.; BENSIGNOR, E. J.; ROBSON, D.; MASON, K. V.; KANO, R.; HILL, P. B. Biology, diagnosis and treatment of *Malassezia dermatitis* in dogs and cats: Clinical Consensus Guidelines of the World Association for Veterinary Dermatology. **Veterinary Dermatology**, v. 31, n. 1, p. 28–74, 2020. DOI: 10.1111/vde.12809.

BOND, R. Superficial veterinary mycoses. **Clinics in Dermatology**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 226–236, mar. 2010. DOI: 10.1016/j.clindermatol.2009.12.012.

BOND, R.; GUILLOT, J.; CABAÑES, F. J. *Malassezia* yeasts in animal disease. In: BOEKHOUT, Teun; MAYSER, Peter; GUÉHO-KELLERMANN, Eveline; VELEGRAKI, Aristeia (Ed.). **Malassezia and the Skin: Science and Clinical Practice**. 1. ed. Heidelberg: Springer-Verlag, 2010. p. 271–299. DOI: https://doi.org/10.1007/978-3-642-03616-3_10

BOTELHO, A. Os fungos como agentes patogênicos dos animais. **Vida Rural**, Lisboa, set. 2021, p. 44-51. Dossier técnico. Disponível em: <https://www.inia.pt/divulgacao/publicacoes-bd/os-fungos-como-agentes-patogenicos-dos-animais>. Acesso em: 27 ago. 2025.

BRÖMEL, C.; SYKES, J. E. Epidemiology, diagnosis, and treatment of blastomycosis in dogs and cats. **Clinical Techniques in Small Animal Practice**, v. 20, n. 4, p. 233–239, nov. 2005. DOI: 10.1053/j.ctsap.2005.07.004. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/16317913/>. Acesso em: 10 set. 2025.

CAFARCHIA, C.; GALLO, S.; ROMITO, D.; CAPELLI, G.; CHERMETTE, R.; GUILLOT, J.; OTRANTO, D. Frequency, body distribution, and population size of *Malassezia* species in healthy dogs and in dogs with localized cutaneous lesions. **Journal of Veterinary Diagnostic Investigation**, v. 17, n. 4, p. 316–322, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/104063870501700403>. Acesso em: 15 set. 2025.

CAFARCHIA, C.; GASSER, R. B.; FIGUEREDO, L. A.; LATROFA, M. S.; OTRANTO, D. Advances in the identification of *Malassezia*. **Molecular and Cellular Probes**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 1–7, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.mcp.2010.12.003>.

CARDOSO, M. J. L.; MACHADO, L. H. A.; MELUSSI, M.; ZAMARIAN, T. P.; CARNIELLI, C. M.; JÚNIOR, J. C. M. F.. Dermatopatias em cães: revisão de 257 casos. **Archives of Veterinary Science**, v. 16, n. 2, p. 66-74, 2011. DOI: 10.5380/avs.v16i2.18482.

CONCEIÇÃO, L. G. Veterinary dermatology in Brazil. **Veterinary Dermatology**, Hoboken, v. 27, n. 3, p. 133-134, 2016. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/vde.12337>. Acesso em: 19 jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1111/vde.12337>.

CRUZ, R.; SILVA, B. W. L.; ARAÚJO, G. S.; PINHEIRO, A. Q. Casuística de micoses em pequenos animais atendidos em Hospital Veterinário Universitário do Ceará: estudo retrospectivo. **Pubvet**, Londrina, v. 14, n. 7, p. 1-9, 3 ago. 2020. ISSN 1679-9216. Disponível em: <https://ojs.pubvet.com.br/index.php/revista/article/view/402>. Acesso em: 26 jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.31533/pubvet.v14n7a614.1-9>.

DELLA TERRA, P. P. Avaliação da virulência e imunogenicidade da espécie emergente *Sporothrix brasiliensis*. Dissertação (Mestrado em Ciências) – Universidade Federal de São Paulo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/handle/11600/47859>.

DWORECKA-KASZAK, B.; BIEGAŃSKA, M. J.; DĄBROWSKA, I. Occurrence of various pathogenic and opportunistic fungi in skin diseases of domestic animals: a retrospective study. **BMC Veterinary Research**, [S. l.], v. 16, n. 1, 17 jul. 2020. ISSN 1746-6148. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32680509/>. Acesso em: 24 jun. 2025. DOI:

ESCCAP. Superficial mycoses in dogs and cats. GL2. 2019. Disponível em: https://www.esccap.org/uploads/docs/e0j3ofn9_0765_ESCCAP_Guideline_GL2_v7_1p.pdf. Acesso em: 1 set. 2025.

ESPOSITO, E.; AZEVEDO, J. L. de. **Fungos: uma introdução à biologia**. 1. ed. Porto Alegre: Educ, 2010. [E-book]. ISBN 978-85-7061-566-7. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 1 set. 2025.

EVANGELISTA, L. S. de M.; CARVALHO, Y. N. T.; BRANCO, M. A. C.; LOPES, R. R. F. B.; AMORIM NETO, J.; QUESSADA, A. M. Estudo retrospectivo do otohematoma em cães atendidos em um hospital veterinário universitário. **Acta Veterinaria Brasilica**, v. 6, n. 1, p. 48-51, set. 2012. DOI: 10.21708/avb.2012.6.1.2685

FEITOSA, F. L. F. **Semiologia veterinária: a arte do diagnóstico**. 3. ed. São Paulo: Roca, 2014. 1406 p. ISBN 978-85-352-4513-4.

GOMES, A. R.; MADRID, I. M.; MATOS, C. B.; TELLES, A. J.; WALLER, S. B.; NOBRE, M. O.; MEIRELES, M. C. A. Dermatopatias fúngicas: aspectos clínicos, diagnósticos e terapêuticos. **Acta Veterinaria Brasilica**, Mossoró, v. 6, n. 4, p. 272-284, 2012. ISSN 2179-4559. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/acta/article/view/2943>. Acesso em: 23 jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.21708/avb.2012.6.4.2943>.

GOMES, A. R. **Estudo retrospectivo de micoses e micotoxicoses animais na região sul do Brasil**. 2012. 95 f. Dissertação (Mestrado em Veterinária) — Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

GREMIÃO, I. D. F.; MIRANDA, L. H. M.; REIS, E. G.; RODRIGUES, A. M.; PEREIRA, S. A Z. Zoonotic Epidemic of Sporotrichosis: Cat to Human Transmission. **PLoS Pathogens**, San Francisco, v. 13, n. 1, p. e1006077, jan. 2017. ISSN 1553-7366; e-ISSN 1553-7374. DOI: 10.1371/journal.ppat.1006077.

GREMIAO, I. D. F.; ROCHA, E. M. S.; MONTENEGRO, H.; CARNEIRO, A. J. B.; XAVIER, M. O.; DE FARIAS, M. R.; MONTI, F.; MANSO, W.; PEREIRA, R. H. M. A.; PEREIRA, S. A.; LOPES-BEZERRA, L. M. Guideline for the management of feline sporotrichosis caused by *Sporothrix brasiliensis* and literature revision. **Brazilian Journal of Microbiology**, São Paulo, v. 52, n. 1, p. 107–124, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s42770-020-00365-3>.

GUILLOT, J.; BOND, R. Malassezia yeasts in veterinary dermatology: an updated overview. **Frontiers in Cellular and Infection Microbiology**, [S. l.], v. 10, p. 79, 28 fev. 2020. DOI: [10.3389/fcimb.2020.00079](https://doi.org/10.3389/fcimb.2020.00079). Disponível em: <https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fcimb.2020.00079/full>. Acesso em: 1 set. 2025. **Frontiers+1**

HNILICA, K. A. **Dermatologia de pequenos animais: atlas colorido e guia terapêutico**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. 632 p. ISBN 978-85-352-4513-4.

HOBİ, S.; BEÇZKOWSKI, P. M.; MUELLER, R.; TSE, M.; BARRS, V. R. Malassezia dermatitis in dogs and cats. **The Veterinary Journal**, [S. l.], v. 304, p. 106084, abr. 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.tvjl.2024.106084>.

JERICÓ, M. M.; ANDRADE NETO, J. P. de; KOGIKA, M. M. (Orgs.). **Tratado de Medicina Interna de Cães e Gatos**. 1. ed. Rio de Janeiro: Roca, 2015.

JULIANO, R. S.; SOUZA, A. I. de; SCHEIDE, R. Criptococose felina. **Revista de Patologia Tropical**, Goiânia, v. 35, n. 1, p. 65–70, 2006. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/iptsp/article/view/1895>. Acesso em: 1 set. 2025.

KINDO, A. J.; SOPHIA, S. K. C.; KALYANI, J.; ANANDAN, S. Identification of Malassezia species. **Indian Journal of Medical Microbiology**, [S. l.], v. 22, n. 3, p. 179–181, jul./set. 2004. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17642728/>. Acesso em: 1 set. 2025.

LARSSON, C. E. Esporotricose. **Brazilian Journal of Veterinary Research and Animal Science**, São Paulo, v. 48, n. 3, p. 250–259, jun. 2011. DOI: <https://doi.org/10.11606/S1413-95962011000300010>.

LARSUPROM, L.; DUANGKAEW, L.; KASORNDORKBUA, C.; CHEN, C.; CHINDAMPORN, A.; WORASILCHAI, N. Feline cutaneous histoplasmosis: the first case report from Thailand. **Medical Mycology Case Reports**, [S. l.], v. 18, p. 28–30, jul. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.mmcr.2017.07.008>.

LEAL, C. A. S.; SILVA, G. G.; SILVA, G. M.; SILVA, L. B. G. PINHEIRO JÚNIOR, J. W.; MOTA, R. A. Padronização de uma PCR para diagnóstico molecular de *Microsporum canis* em amostras de pelos e crostas de cães e gatos. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, [S. l.], v. 71, n. 4, p. 1143–1148, jul./ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1590/1678-4162-9809>.

LÓPEZ-MARTÍNEZ, R.; MÉNDEZ-TOVAR, L. J. Blastomycosis. **Clinics in Dermatology**, [S. l.], v. 30, n. 6, p. 565–572, nov./dez. 2012. DOI: 10.1016/j.clindermatol.2012.01.002.

MACEDO, C. M. de; SILVA, W. C.; CAMARGO JUNIOR, R. N. C. Revisão sobre dermatofitose em cães e gatos, com enfoque nas implicações clínicas, diagnóstico e tratamento. **Veterinária e Zootecnia**, v. 28, 2021. Disponível em: <https://rvz.emnuvens.com.br/rvz/article/view/588>.

MACHADO, M. L. S.; APPELT, C. E.; FERREIRO, L. Dermatofitos e leveduras isolados da pele de cães com dermatopatias diversas. **Acta Scientiae Veterinariae**, Porto Alegre, v. 32, n. 3, p. 225-232, 2004. ISSN 1679-9216. DOI: 10.22456/1679-9216.16901.

MADIGAN, M. T.; MARTINKO, J. M.; PARKER, J. **Microbiologia de Brock**. 10. ed. São Paulo, SP: Pearson, 2004. [E-book]. ISBN 978-85-346-1640-3. Disponível em: <https://plataforma.bvirtual.com.br>. Acesso em: 1 set. 2025.

MAZZEI, C. R. N.; LARSSON, C. E.; GAMBALE, W.; RODRIGUES, C. de P.; VALENTE, N. S. Malasseziose tegumentar canina: estudo clínico-epidemiológico retrospectivo de 92 casos (1989 a 1995), São Paulo, Brasil. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, São Paulo, v. 5, n. 3, p. 243–252, dez. 2002. DOI: 10.36440/recmvz.v5i3.3271.

MIRANDA, L. H. M. de; CONCEIÇÃO-SILVA, F.; QUINTELLA, L. P.; KURAIEM, B. P.; PEREIRA, S. A.; SCHUBACH, T. M. P. Feline sporotrichosis: Histopathological profile of cutaneous lesions and their correlation with clinical presentation. **Comparative Immunology, Microbiology and Infectious Diseases**, v. 36, p. 425–432, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.cimid.2013.03.005>.

MORIELLO, K. A. Treatment of dermatophytosis in dogs and cats: review of published studies. **Veterinary Dermatology**, Oxford, v. 15, n.2, p. 99-107, abr. 2004. DOI: 10.1111/j.1365-3164.2004.00361.x.

MORIELLO, K. A.; COYNER, K.; PATERSON, S.; MIGNON, B. Diagnosis and treatment of dermatophytosis in dogs and cats: Clinical Consensus Guidelines of the World Association for Veterinary Dermatology. **Veterinary Dermatology**, v. 28, n. 3, p. 266-e68, jun. 2017. DOI: <https://doi.org/10.1111/vde.12440>.

MOSKALUK, A. E.; VANDEWOUDE, S. Current Topics in Dermatophyte Classification and Clinical Diagnosis. **Pathogens**, [S. l.], v. 11, n. 9, p. 957, 23 ago. 2022. DOI: <https://doi.org/10.3390/pathogens11090957>.

MÜLLER, M.; NISHIZAWA, M. A criptococose e sua importância na Medicina Veterinária. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 24–29, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.36440/recmvz.v15i1.36761>. Acesso em: 1 set. 2025.

MURPHY, K. M. A review of techniques for the investigation of otitis externa and otitis media. **Clinical Techniques in Small Animal Practice**, [S. l.], v. 16, n. 4, p. 236–241, nov. 2001. DOI: [10.1053/svms.2001.27601](https://doi.org/10.1053/svms.2001.27601).

NEGRE, A.; BENSIGNOR, E.; GUILLOT, J. Evidence-based veterinary dermatology: a systematic review of interventions for *Malassezia dermatitis* in dogs. **Veterinary Dermatology**, v. 20, n. 1, p. 1–12, 2009. DOI: 10.1111/j.1365-3164.2008.00721.x.

NEVES, R. C. S. M.; CRUZ, F. A. C. S.; LIMA, S. R.; TORRES, M. M.; DUTRA, V.; SOUSA, V. R. F. Retrospectiva das dermatofitoses em cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal de Mato Grosso, nos anos de 2006 a 2008. **Ciência Rural**, v. 41, n. 8, p. 1405-1410, ago. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-84782011000800017>

NICHITA, I.; MARCU, A. The fungal microbiota isolated from cats and dogs. **Scientific Papers: Animal Science and Biotechnologies**, v. 43, n. 1, p. 411-414, 2010.

NOLI, C.; COLOMBO, S. **Feline Dermatology**. 1. ed. Suíça: Springer Nature, 2020. 653 p. ISBN 978-3-030-29835-7. DOI: [10.1007/978-3-030-29836-4](https://doi.org/10.1007/978-3-030-29836-4).

NORSWORTHY, G. D. **The Feline Patient**. 5. ed. Hoboken, NJ: Wiley-Blackwell, 2018. 1088 p. ISBN 978-1-119-26903-8.

OLIVEIRA, C. F. **Comparação entre técnicas de imprint das garras em meio de cultura e espalhamento com swab para isolamento e identificação de fungos subungueais de gatos híídidos semidomiciliados**. 2019. Dissertação (Mestrado em Medicina Veterinária) – Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2019. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/vtt-212786>. Acesso em: 2 set. 2025.

OLIVEIRA, V. B. de; RIBEIRO, M. G.; ALMEIDA, A. C. S.; PAES, A. C.; ZENI CONDAS, L. A.; LARA, G. H. B.; JUNQUEIRA FRANCO, M. M.; FERNANDES, M. C.; PAGANINI LISTONI, F. J. Etiologia, perfil de sensibilidade aos antimicrobianos e aspectos epidemiológicos na otite canina: estudo retrospectivo de 616 casos. **Semina: Ciências Agrárias**, v. 33, n. 6, p. 2367-2374, 2012. DOI: 10.5433/1679-0359.2012v33n6p2367.

OUTERBRIDGE, C. A. Mycologic disorders of the skin. **Clinical Techniques in Small Animal Practice**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 128-134, 11 ago. 2006. ISSN 1096-2867. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1096286706000338>. Acesso em: 21 jun. 2025. DOI: <https://doi.org/10.1053/j.ctsap.2006.05.005>.

PAIXÃO, G. C.; SIDRIM, J. J. C.; CAMPOS, G. M. M.; BRILHANTE, R. S. N.; ROCHA, M. F. G. Dermatofitos e fungos sapróbios isolados de cães e gatos na cidade de Fortaleza. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 53, n. 5, p. 411-414, 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-09352001000500010>.

PENNISI, M. G.; HARTMANN, K.; LLORET, A.; FERRER, L.; ADDIE, D.; BELÁK, S.; BOUCRAUT-BARALON, C.; EGBERINK, H.; FRYMUS, T.; GRUFFYDD-JONES, T.;

HOSIE, M. J.; LUTZ, H.; MARSILIO, F.; MÖSTL, K.; RADFORD, A. D.; THIRY, E.; TRUYEN, U.; HORZINEK, M. C. Cryptococcosis in cats: ABCD guidelines on prevention and management. **Journal of Feline Medicine & Surgery**, [S. l.], v. 15, n. 7, p. 611–618, jul. 2013. DOI: <https://doi.org/10.1177/1098612X13489224>.

PEREIRA, S. A.; GREMIÃO, I. D. F.; KITADA, A. A. B.; BOECHAT, J. S.; VIANA, P. G.; SCHUBACH, T. M. P. The epidemiological scenario of feline sporotrichosis in Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, Uberaba, v. 47, n. 3, p. 392-393, 2014. ISSN 0037-8682, e-ISSN 1678-9849. DOI: 10.1590/0037-8682-0092-2013.

PESQUEIRA E SILVA, L. A.; NETO, M. L. R.; PITA, P. Cutaneous Blastomycosis Simulating Ganglionic Tuberculosis: a case report. **Amadeus International Multidisciplinary Journal**, [S. l.], v. 4, n. 7, out. 2019. DOI: <https://doi.org/10.14295/aimj.v4i7.94>.

PIRES, C. Revisão de literatura: esporotricose felina. **Revista de Educação Continuada em Medicina Veterinária e Zootecnia do CRMV-SP**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 16–23, 2017. DOI: <https://doi.org/10.36440/recmvz.v15i1.36758>.

PRADO, C. D.; JÚNIOR, A. G. de A.; BARBOSA, A. M. M.; GANDRA, F. O. Blastomicose felina: relato de caso. **Sinapse Múltipla**, Belo Horizonte, v. 11, n. 1, p. 118–121, jul. 2022. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/sinapsemultipla/article/view/29261>. Acesso em: 2 set. 2025.

QUEIROZ, J. P. A. F. de. Criptococose – uma revisão bibliográfica. **Acta Veterinária Brasilica**, Mossoró, v. 2, n. 2, p. 32–38, 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufersa.edu.br/acta/article/view/699>. Acesso em: 1 set. 2025.

QUINN, P. J.; MARKEY, B. K.; LEONARD, F. C. *et al.* **Microbiologia veterinária: essencial**. 2. ed. Porto Alegre: ArtMed, 2018. [E-book]. p. 107. ISBN 978-85-82715-00-0. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788582715000/>. Acesso em: 1 set. 2025.

RIBEIRO, S. M. da M.; SOUSA, S. K. S. A. de; GALIZA, L.; PEREIRA, E. C.; COUCEIRO, G. A.; MENESES, A. M. C. Estudo retrospectivo da casuística das dermatofitoses em cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário da Universidade Federal Rural da Amazônia. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 5, p. e51110515044, maio 2021. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v10i5.15044>.

RODRIGUES, A. Ms. **Pathogen evolution in the *Sporothrix schenckii* complex**. Tese (Doutorado em Microbiologia) – Universidade Federal de São Paulo, 2015. Disponível em: <https://repositorio.unifesp.br/items/74cfcb17-ddef-4407-a945-5b4e7a2178ff>.

RODRIGUES, D. M.; MATTOSINHO, R. de O.; MOLINARI, B. L. D.; BEZERRIL, J. E.; MARCUSSO, P. F.; PETRILLO, T. R. Dermatomicose em cão causada por *Curvularia* sp.:

relato de caso. **Veterinária e Zootecnia**, São Paulo, v. 28, p. 1–6, 29 mar. 2021. DOI: <https://doi.org/10.35172/rvz.2021.v28.521>.

SAMANTA, I. Cutaneous, subcutaneous and systemic mycology. In: SAMANTA, Indranil. **Veterinary mycology**. New Delhi: Springer, 2015. p. 11-153. ISBN 978-81-322-2279-8. DOI: https://doi.org/10.1007/978-81-322-2280-4_4.

SANCHES, P. P.; COUTINHO, S. D. Aspergilose em cães – revisão. **Revista do Instituto de Ciências da Saúde**, São Paulo, v. 25, n. 4, p. 391–397, 2007. Disponível em: https://repositorio.unip.br/wp-content/uploads/2020/12/V25_N4_2007_p391-398.pdf. Acesso em: 1 set. 2025.

SANTOS, F. F.; GUIMARÃES, J. P. Estudo retrospectivo das otites em cães e gatos atendidos no Hospital Veterinário em Santos/SP. **Ars Veterinária**, v. 36, n. 3, p. 195–200, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.15361/2175-0106.2020v36n3p195-200>. Acesso em: 15 set. 2025.

SARIDOMICHELAKIS, M. N.; FARMAKI, R.; LEONTIDES, L. S.; KOUTINAS, A.F. Aetiology of canine otitis externa: a retrospective study of 100 cases. **Veterinary Dermatology**, v. 18, n. 5, p. 341-347, Oct. 2007.

SCOTT, D. W.; MILLER, W. H.; GRIFFIN, C. E. **Small animal dermatology**. 6. ed. Philadelphia: Elsevier, 2001. 1526 p.

SIDRIM, J. J. C.; ROCHA, M. F. G. **Micologia médica à luz de autores contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004. 396 p. ISBN 978-85-277-1772-6.

SOBOLEV, V. E. Acremonium species skin infection in a female French bulldog. **International Journal of Veterinary Science and Research**, v. 8, n. 2, p. 46–49, abr. 2022. DOI: <https://doi.org/10.17352/ijvsr.000112>.

TEIXEIRA, M. G. F.; LEMOS, T. D.; MELLO BOBANY, D.; SILVA, M. E. M.; BASTOS, B. F.; MELLO, M. L. V. Diagnóstico citológico de otite externa em cães. **Brazilian Journal of Animal and Environmental Research**, Curitiba, v. 2, n. 5, p. 1693–1701, set. 2019. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/index.php/BJAER/article/view/4113>. Acesso em: 1 set. 2025.

THOMPSON, C. A.; MACNEILL, A. L. Common infectious organisms. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, [S. l.], v. 47, n. 1, p. 151-164, jan. 2017. ISSN 0195-5616. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.cvsm.2016.07.010>. Acesso em: 22 jun. 2025.

TRIVEDI, S. R.; MALIK, R.; MEYER, W.; SYKES, J. E. Feline cryptococcosis: impact of current research on clinical management. **Journal of Feline Medicine & Surgery**, [S. l.], v. 13, n. 3, p. 163–172, mar. 2011. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jfms.2011.01.009>.

UBEROI, A.; BARTOW-MCKENNEY, C.; ZHENG, Q.; FLOWERS, L.; CAMPBELL, A.; KNIGHT, S. A. B.; CHAN, N.; WEI, M.; LOVINS, V.; BUGAYEV, J.; HORWINSKI, J.; BRADLEY, C.; MEYER, J.; CRUMRINE, D.; SUTTER, C. H.; ELIAS, P.; MAULDIN, E.; SUTTER, T. R.; GRICE, E. A. Commensal microbiota regulates skin barrier function and repair via signaling through the aryl hydrocarbon receptor. **Cell Host & Microbe**, Cambridge, v. 29, n. 8, p. 1235-1248, 11 ago. 2021. ISSN 1931-3128. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.chom.2021.05.011>. Acesso em: 24 jun. 2025. .

VELEGRAKI, A. A.; CAFARCHIA, C.; GAITANIS, G.; IATTA, R.; BOEKHOUT, T. Malassezia infections in humans and animals: pathophysiology, detection, and treatment. **PLOS Pathogens**, [S. l.], v. 11, n. 1, p. e1004523, jan. 2015. DOI: <https://doi.org/10.1371/journal.ppat.1004523>.

WILKINSON, G. T.; HARVEY, R. G. **Atlas colorido de dermatologia dos pequenos animais: guia para diagnóstico**. 2. ed. São Paulo: Manole, 1997. 152 p. ISBN 978-0723418986.

ZAMBONI, R.; ALBERTI, T. dos S.; SCHEID, H. V.; CARDOSO, L. S. B.; BONEL, J.; RAFFI, M. B.; SALLIS, E. S. V. Estudo retrospectivo de esporotricose em felinos domésticos (*Felis catus domesticus*) errantes na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil, em um período de 10 anos (2012–2022). **Research, Society and Development**, v. 11, n. 2, p. e55911226102, fev. 2022. DOI: <https://doi.org/10.33448/rsd-v11i2.26102>.